

Formação na escola | ciclo 2

Atividades Habituais em Artes



FUNDAÇÃO VALE



Formação na escola | ciclo 2

PROJETOS | língua portuguesa e artes

POEMAS | produção de POESIAS

NARRATIVAS | o CONTO DE FADAS por uma das personagens

OFICINA | confecção de BRINQUEDOS artesanais

REESCRITA | uma NOVA VERSÃO para um conto de fadas

CONTOS POPULARES | resgate de histórias da TRADIÇÃO ORAL

ÁGUA | SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS na escola

PAISAGENS | estudo dos BIOMAS BRASILEIROS

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES | artes

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES | língua portuguesa

ATIVIDADES HABITUAIS | artes

ATIVIDADES HABITUAIS | língua portuguesa

Mapa de combinações

Dados

Atividades Habituais em Artes
– São Paulo, SP : Comunidade Educativa CEDAC, 2015.
76 p. : il. ; 28 cm. – (Formação na escola ciclo 2 ; v. 10)

Atividades Habituais em Artes

Introdução

Chamamos de *Atividades Habituais* aquelas que aparecem com periodicidade ao traçarmos nossa rotina de trabalho para as crianças. Ao destinarmos 30 minutos diários a brincadeiras no parque ou 40 minutos semanais a uma ida à biblioteca, estamos estabelecendo tempo para uma ou outra atividade, de acordo com as metas de aprendizagem para a série ou ciclo.

As Atividades Habituais são indicadas para que nossos alunos possam apropriar-se de conteúdos e de procedimentos de arte para usá-los em suas experiências artísticas na escola e fora dela, com progressiva autonomia.

Como vocês poderão acompanhar nos próximos parágrafos, ao propor o trabalho com diversas modalidades para as Atividades Habituais em Artes, estamos reiterando o valor que essas linguagens têm para as crianças e para a arte, criando formas de integrá-las à rotina de acordo com a disponibilidade de tempo destinado às aprendizagens que lidam com imagens e experiências artísticas.

Além de a experiência artística estar muito presente na vida das crianças, é pela exploração e pesquisa com diferentes materiais, suportes e produção que elas constroem seu repertório imagético e cultural. Ao entrarem em contato com as mais variadas situações didáticas, que lhes permitam explorar suas potências e possibilidades criativas, os alunos ampliam seu repertório e conhecimento sobre a arte, assim como também desenvolvem suas competências para se comunicarem e expressarem por meio da linguagem visual.

As *Atividades Habituais em Artes* aqui sugeridas envolvem a observação, a memória e a imaginação, como eixos de pesquisa e produção nas modalidades de produção artística. Uma ou outra pode ficar em maior evidência, de acordo com o que esteja interessando e sendo proposto às crianças. O desenho de observação resulta da conexão entre olho, objeto e gesto. Ao realizá-lo, o olho transita entre o objeto e o papel, registrando com gestos que traçam as formas, as linhas, as cores, as texturas e outros atributos relacionados ao que está sendo observado.

Se a escolha é criar algo que não se vê, a memória passa a ser a principal fonte de informação. O olhar de quem produz arte estará bem mais concentrado nos materiais e procedimentos com os quais está trabalhando, procurando reproduzir aquilo que sua lembrança sugere. Os trabalhos artísticos produzidos por meio da inspiração da imaginação são aqueles em que as crianças lançam mão de experiência que assimilaram, ao apreciar imagens, fazer desenhos de observação, resgatar elementos de sua memória, articulando uma ou outra coisa para compor conforme sua vontade.

Monstros podem aparecer com três cabeças, pessoas podem ter pernas longas e bracinhos pequenos, se-reias podem viver fora da água... Tudo está determinado por sua vontade, por sua imaginação.

Um professor atento cuida para que seus alunos tenham contato com um conjunto de experiências, propondo o uso de materiais e procedimentos artísticos variados, garantindo materiais para que escolham com o que querem trabalhar. Tudo isso, como sabemos, irá marcar a produção da criança e, aos poucos, passará a compor seu repertório: se pintar com guache, desenhar com a tesoura, modelar com argila, se o gesto for rápido ou lento, se o papel for maior do que seu corpo, ou se for muito pequeno etc. As experiências artísticas com diferentes materiais e procedimentos remetem às diferentes sensações, ao corpo, à experiência de espaço e de mundo.

Todas as propostas de Atividades Habituais deste caderno estão conectadas, de uma forma ou de outra, ao conjunto de conhecimentos que as crianças vão ampliando no decorrer de sua escolaridade e de sua vida. Como vocês poderão observar na leitura desse caderno, ao final de cada proposta, abrem-se outras possibilidades de atividades delas decorrentes, permitindo variações, mudando-se temas, materiais, agrupamentos e espaços em que são realizadas as aulas. Isso viabiliza que muitas atividades sejam feitas sem que haja repetições idênticas. As variações propostas são escolhidas de acordo com os conteúdos que o professor planeja agregar às aprendizagens dos alunos, assim, a cada escolha, haverá sempre alguma estratégia que propicie novos desafios.

A experiência de enfrentar esses desafios, recorrentes nas *Atividades Habituais* propostas, fornece elementos necessários à aprendizagem e autonomia dos alunos no campo das suas experiências estéticas e nas relações que eles estabelecem com a cultura, que são finalidades educativas de Artes.

Atividades Habituais em Artes

- 10 confecção do livro dos monstros
- 18 construção com papéis
- 22 desenhando com a tesoura
- 30 desenho a partir da descrição de uma cena
- 34 desenho a partir de uma interferência
- 38 desenho de observação de diferentes pontos de vista
- 44 desenho de observação de objeto desmontado
- 50 desenho de observação do que vejo a minha volta
- 54 letra tratada como imagem
- 58 pesquisa de cores
- 64 reprodução de imagens com carimbos

confeção do livro dos monstros

Apresentação

Nesta atividade os alunos vão produzir imagens para montar um livro de autoria coletiva. O grupo terá como desafio inventar e desenhar personagens imaginárias, com o máximo de informações e elementos que os caracterizem.

O livro será composto de páginas que podem ser combinadas entre si, por meio de um corte feito no meio de todas as folhas, exceto na capa e contracapa.

O objetivo da proposta é que os alunos lancem mão de recursos gráficos para representar aspectos que surtem da imaginação. O tema do livro será monstros, para potencializar a imaginação ao desenhar e criar o enredo da história.

O que é importante saber

Este será um livro diferente, pois não tem texto. A ideia é que o leitor possa combinar os desenhos e criar muitos monstros, portanto a narrativa do livro é visual, inventada pelo leitor à medida que folheia as páginas. Para isso, os desenhos serão cortados ao meio depois de prontos.

É muito importante avisar aos alunos que seus desenhos serão cortados ao meio para montar o livro.

Para ajudar as crianças a criarem seus personagens, será preciso estimulá-las a imaginar e a lembrar de características de monstros, para que possam trazer estes elementos para o desenho. Pesquise algumas histórias com personagens fantásticos do folclore brasileiro e outros seres mitológicos para escolher uma para contar. É melhor que seja uma passagem curta, de preferência a descrição de um ser fantástico, para não se desviarem dos objetivos da atividade, usando um tempo longo de leitura.

Os alunos também podem atribuir características pessoais aos monstros que vão inventar, como ferocidade, vaidade, juventude ou velhice. Para isso, podem desenhar objetos pessoais para seus personagens: uma chupeta poderia pertencer a um monstro bebê, brincos para a mãe monstro, um pratinho velho, um pote de comida para um guloso, e assim por diante.

Como se preparar

Selecione objetos para servirem de referência para os desenhos dos alunos e que os ajudem a imaginar características para as partes dos corpos dos monstros. Recolha objetos instigantes numa caixa, como casca de árvores, que podem inspirar a pele de monstro; palhas de vassoura ou de capim, palha de aço ou musgos, que podem sugerir cabelo ou pelos. Pedras redondas, afiadas ou rugosas podem ser dentes.

A escolha desses objetos é parte importante da preparação da atividade. O ideal é não haver uma relação direta entre o objeto selecionado e o que se quer que os alunos imaginem. Mostrar uma pele ou couro de animal para que imaginem um bicho com aquele couro, poderá levá-los a desenhar o bicho que tem aquela pele e não a inventar um bicho.

Ao procurar esses objetos em casa, na escola ou na rua, detenha seu olhar sobre as texturas, as cores e as formas, escolha materiais orgânicos e sintéticos para oferecer aos alunos variedade suficiente para instigá-los a imaginar seus monstros. Procure antecipar ideias, desenhos e formas que estes objetos vão sugerir aos alunos, assim como as dificuldades que terão para criar seus monstros. Coloque-se no lugar deles diante desse desafio.

Nesta proposta, os alunos não serão convidados a participar da gestão da atividade e todo o tempo será destinado à compreensão e realização da proposta.

Formato do livro

Você pode mostrar aos alunos um exemplo de como será o livro que vão montar. Se na sua escola não houver nenhum livro com este tipo de diagramação, uma boa maneira de exemplificar pode ser levar um modelo, para que os alunos possam visualizar melhor seu formato:

1. Reúna quatro folhas de papel, de preferência de cores diferentes.
2. Grampeie as folhas numa das laterais e depois faça um corte no meio das folhas, mas sem ir até onde esta grampeado, deixando uma margem entre 3 a 5 cm à esquerda.

As páginas do livro serão montadas com os desenhos das crianças, que deverão ser cortadas ao meio, para que os monstros possam se combinar: cabeça de um com corpo de outro e vice versa. Para que as partes se encaixem, é preciso que haja em todas as folhas uma marca indicando onde deve ficar a separação entre o corpo e a cabeça do monstro, na qual será feito o corte.

Para preparar as folhas, marque todas da mesma forma: com uma régua e uma caneta ou lápis faça dois pequenos riscos na altura do meio da folha com uma distância de dez centímetros entre eles.

ATIVIDADE

Organize os alunos em roda – nas carteiras ou no chão – e apresente a proposta da atividade. Explique que juntos irão montar um livro sobre monstros feito somente com desenhos.

Retome com eles a estrutura de um livro normal, como eles já conhecem: capa, título, índice, ilustrações, texto, contracapa, biografia dos autores, ficha técnica. Lembre que livros são feitos em muitas etapas até sua finalização.

Leve alguns livros ilustrados com técnicas variadas como pintura, desenho, gravura, colagem, entre outras, para mostrar aos alunos. Chame a atenção para as ilustrações e mostre como elas também contam coisas, contêm informações e são uma forma de linguagem. Procure levar livros feitos apenas com imagens, sem texto.

Um livro diferente

Conte aos alunos que o livro que irão montar será diferente da maioria dos que conhecem, porque será feito unicamente de ilustrações de monstros que eles próprios irão inventar. Explique que suas páginas serão cortadas na metade para que possam criar novas combinações com as cabeças e corpos destes monstros e mostre como será este corte.

Além de não ter palavras escritas nas páginas do livro, cada leitor poderá contar uma história diferente, inventando monstros e enredos na medida em que o folheia. Aponte para a possibilidade de reinventar a história e o personagem cada vez que as partes das páginas do livro se misturam, formando uma nova composição de monstros. As narrativas se multiplicam, justamente pelo tipo de composição na qual as páginas se mesclam.

Construção de personagens

Leia para a turma uma história de monstro ou mito e analise como uma personagem é criada e descrita. É importante conversar sobre a descrição do monstro, como são apresentadas suas características e quais são elas. Ajude o grupo a perceber que personagens fantásticos têm características físicas e de personalidade também fantásticas. O grupo deve conversar bastante sobre o assunto antes de desenhar, procurando lembrar-se de ilustrações de monstros que já tenham visto, aproveitando seus conhecimentos prévios para responderem ao desafio proposto nesta atividade. Apresenta algumas perguntas orientadoras:

- Como é um monstro?
- Será que existem muitos tipos de monstros?
- Será que monstro tem parte de bichos misturados?
- Que bichos podem ser estes? Quais são estas partes?
- O que um monstro faz?
- Será que ele pode ser bom?
- Onde será que vivem os monstros?

Combinações estranhas

Estimule a imaginação do grupo nesse momento, perguntando, por exemplo, como seria o filho de uma girafa com um avestruz. E o de um búfalo com porco espinho? Pense em combinações engraçadas e peça que eles descrevam como seriam os filhos e até surgiram nomes para eles.

Mostre então a caixa de objetos que recolheu para inspirar os alunos. Converse com eles sobre as formas das partes dos corpos dos monstros que irão criar, sobre a enorme variedade de pernas, braços, cabeças, barrigas, pés, mãos e tudo o mais que pode configurar o corpo de um monstro.

Deixe que os alunos mexam um pouco nos objetos, e estimule-os a imaginar as partes do corpo que podem ter formas semelhantes. Dependendo da quantidade de objetos disponível e do tempo reservado para a atividade, organize os alunos em grupo para que montem monstros com os objetos. Essa será apenas uma experiência para estimular ideias e seu resultado não precisa necessariamente ser registrado em desenho para fazer parte do livro.

Objetos inspiradores

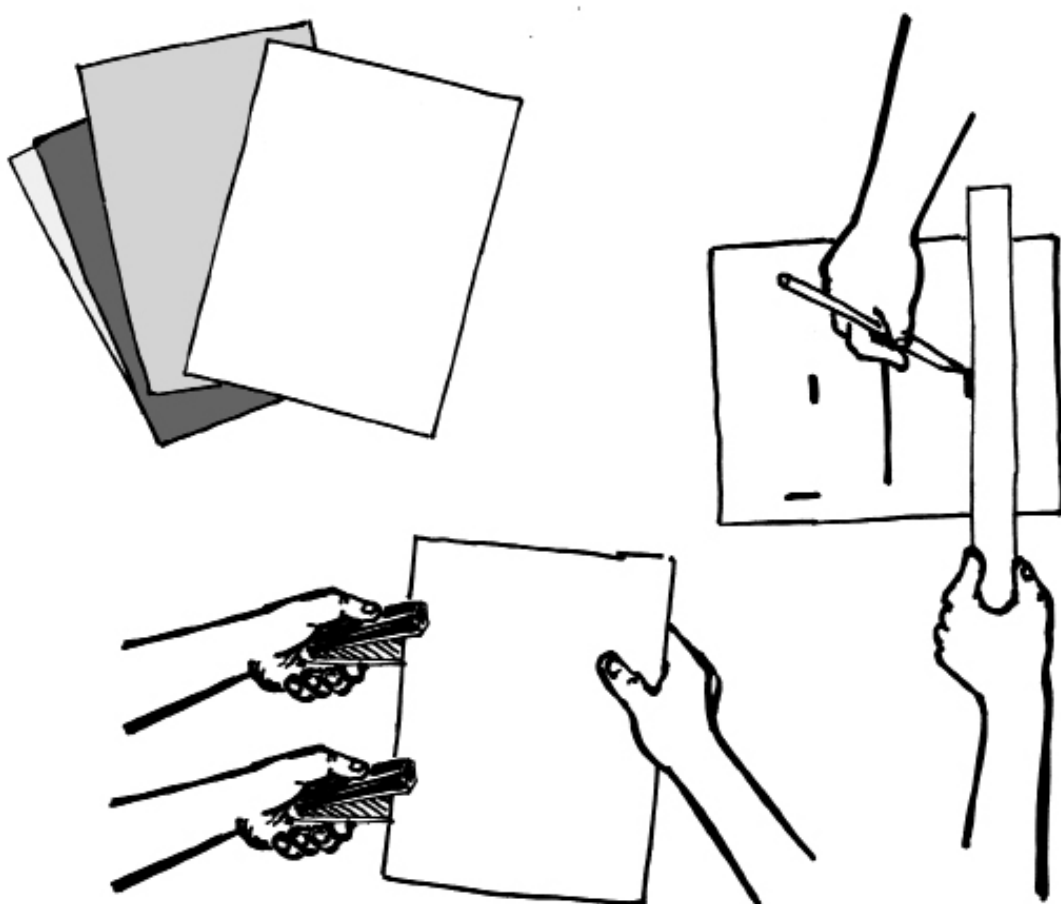
Utilizar objetos como inspiração para desenhar os monstros é uma estratégia que estimula os alunos a pesquisarem e a desenvolverem grafismos e desenhos diferentes do usual, já que este tipo de personagem permite inúmeras possibilidades criativas. No entanto, se as crianças tiverem dificuldade de entrar na brincadeira de imaginar a partir dos objetos, sugira que algum desses objetos poderia ser uma parte de um monstro: uma meia, por exemplo, poderia ser a orelha de um monstro cujo corpo é todo mole.

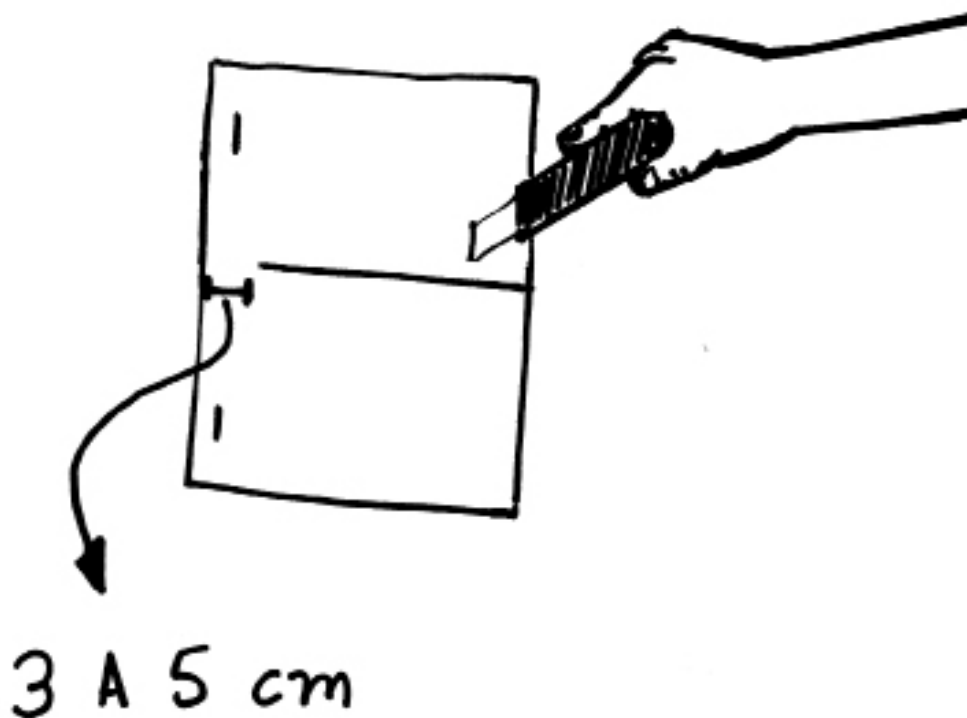
É importante que os alunos sintam que você está envolvido na aventura para se sentirem estimulados e livres para inventar e compartilhar suas ideias.

O desenho do monstro

Após essa conversa inicial, será preciso mostrar aos alunos como devem desenhar seus monstros na folha marcada, para que, depois de cortados, todos os corpos e cabeças se encaixem quando o livro for folheado. Para isso, numa das folhas preparadas para a atividade, mostre como os desenhos deverão se encaixar nas marcas que indicam onde serão os pescoços dos monstros. É importante lembrar que todos deverão desenhar no mesmo sentido para que as ilustrações coincidam no livro.

Se você achar necessário, pode demonstrar na lousa como o desenho perpassa pela marca, ocupando a parte superior e inferior da folha, porém tomando muito cuidado para não desenhar nada figurativo e influenciar o desenho das crianças. É muito importante que todos estejam prestando muita atenção neste momento.





Momento de produção

Os desenhos poderão ser realizados com todos sentados nas carteiras na própria roda que estará organizada. Distribua as folhas de papel sulfite e as canetinhas, conforme a disponibilidade desse material. Se cada aluno só puder ficar com uma canetinha, faça um rodízio de cores entre eles.

Diga que neste momento cada um vai desenhar o seu próprio monstro e que é muito importante que procurem inventá-lo da maneira que quiserem, mesmo que com muitas coisas malucas.

Se algum aluno copiar o desenho do colega, em vez de pedir que mude ou recomece seu desenho, estimule-o a desenhar detalhes diferentes que tragam particulares para o seu monstro.

Detalhando o monstro

Durante a atividade, continue a fazer perguntas sobre os monstros para estimular a invenção dos alunos:

- Onde vive o seu monstro? Para viver nesse lugar como deve ser sua pele? É grossa, tem escamas, é coberta de penas?
- Ele anda na terra ou voa?
- Qual o tamanho da sua boca? Ele tem dentes? O que ele come? Ele usa a boca para se defender de predadores?
- E as orelhas? São grandes ou pequenas? E os olhos de que cor são? Ela enxerga no escuro ou de baixo d'água?
- Qual parte do seu corpo é mais forte? Ele corre muito? É pesado e se arrasta?
- Ele tem uma cabeça ou mais?
- E as pernas e braços? Quantos são?
- É um monstro fêmea ou macho? Adulto, criança ou bebê?

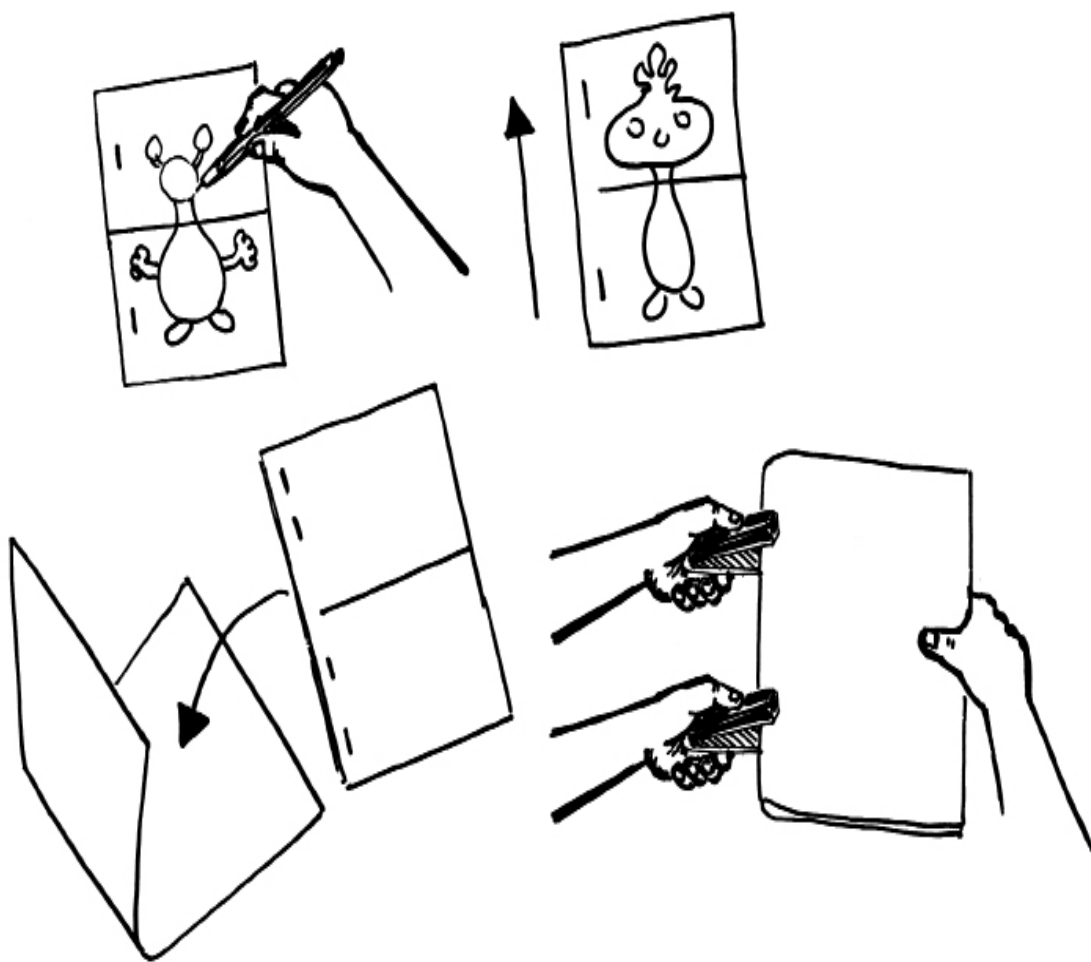
Faça estas perguntas e elabore outras, para estimular os alunos a pensarem nas características de seus monstros.

É importante que os alunos a investiguem e explorem linhas, formas e texturas para enriquecer seus desenhos e melhor representar suas ideias. Retome os objetos guardados na caixa e procure encontrar, junto com os alunos, referências para que façam os detalhes de seus monstros.

Circule entre as carteiras e perceba quem está precisando de ajuda e continue a conversar, perguntando coisas que os estimulem a criar. Chame os alunos que terminarem muito rápido para continuarem o desenho – estimule-os a usarem novas texturas para o corpo do seu monstro ou mais detalhes, como pelos, barbas, unhas, verrugas e outros. Confira, também, se todos estão observando as marcas do papel pra desenharem a cabeça e o corpo dos monstros.

Apreciação

Quando todos os alunos terminarem de desenhar, reúna a turma para fazer uma breve apreciação antes de recortar os desenhos e conversar sobre o processo de criação do seu monstro. Há muitas coisas interessantes para serem comentadas nesta atividade. Peça que apresentem seus monstros, suas características e habilidades. Estimule-os a descreverem seus processos criativos, perguntando quais objetos serviram de referência para os desenhos, como utilizaram linhas e texturas ou o que as inspirou na criação de seus monstros.



Montagem do livro

Depois que os alunos tiverem visto e comentado seus desenhos, monte o livro:

1. Junte todas as folhas bem alinhadas e no mesmo sentido.
2. Grampeie as folhas, certificando-se de colocar pelo menos dois grampos acima e abaixo do corte.
3. Com uma régua e um estilete, faça o corte bem no meio, tomando o cuidado não chegar até a extremidade esquerda, para não separar o livro em dois, deixe uma margem de aproximadamente 3 a 5 cm;
4. Para a capa, utilize cartolina para estruturar melhor o livro. Depois que o miolo estiver cortado, dobre uma folha tamanho A3 ao meio para envolvê-lo e grampeie novamente. Decida com os alunos uma idéia para a imagem da capa.

Com o livro pronto mostre para todos como funciona, virando pagina por página misturando os desenhos.

VARIAÇÕES DA ATIVIDADE

Você pode fazer esse mesmo tipo de livro, recortando os desenhos em três partes em vez de duas.

Usa colagem e não desenho para produzir as ilustrações da mesma atividade

Em vez de imaginarem um monstro a partir de objetos, distribuir para os alunos papéis com nomes de vários bichos escritos. Cada monstro deve ser desenhado misturando as partes dos bichos que receber.

APRENDIZAGEM ESPERADA

- Compreender o procedimento de combinar e justapor para recriar imagens.
- Conhecer um tipo de montagem de livro.
- Identificar e produzir detalhes em imagens.
- Apontar qualidades gráficas dos desenhos.
- Aumentar o repertório gráfico.

construção com papéis

Apresentação

Nesta atividade os alunos serão desafiados a construir objetos tridimensionais usando apenas papel. Primeiramente, o grupo irá elaborar uma lista de ações que possam aplicar ao papel para transformá-lo em um objeto tridimensional. Em seguida, vão verificar na prática as inúmeras formas e volumes que surgem a partir de intervenções como dobras, amassados, curvas, pontas etc.

O objetivo é que os alunos percebam as relações entre formas e procedimentos em uma folha de papel e levantem hipóteses sobre as possibilidades de transformar outros materiais, usando as mesmas ações.

O que é importante saber

Esta é uma proposta em que o processo de construir importa mais do que o produto resultante, portanto não se encerra na realização de um produto. Seu objetivo é incentivar nos alunos uma postura investigativa, para que se sintam estimulados a explorar materiais e procedimentos nas atividades de Arte. Ao mexer e remexer em seus trabalhos de papel, eles vão estabelecer relações entre os resultados, seus gestos, ações e intenções.

Por esse motivo é fundamental propor que cada um encontre uma maneira particular de solucionar os desafios, para que todos compartilhem as soluções encontradas.

Apesar de alguns procedimentos serem os mesmos da dobradura, o resultado desse processo depende da ação de cada sujeito. Uma dobradura segue uma receita ou fórmula, as etapas devem ter uma ordem precisa e o resultado sempre deverá ser igual. Neste caso, porém, os resultados surgem da experimentação, da investigação e da invenção de cada um. Se entre os trabalhos dos alunos, surgirem formas que indicam algum objeto conhecido, isso será mero acaso que pode ser comentado, mas não deve ser mais valorizado do que os que não são figurativos.

Nesta atividade, os alunos vão transitar pelos conceitos de bidimensionalidade e tridimensionalidade. O objetivo é comparar objetos tridimensionais com suas representações bidimensionais no papel e entender a distinção entre os dois conceitos. Por meio da experiência, eles devem perceber que não é possível representar no plano bidimensional os vários ângulos e pontos de vista que podemos ter de um objeto tridimensional. Desenhos mostram apenas um lado ou ângulo dos objetos.

Os alunos serão desafiados a criar usando o mínimo de material para obter resultados individuais, que devem ser observados e valorizados por você. É importante realçar que enfrentar limitações, como restrição de material, pode gerar resultados inovadores.

Os alunos vão levantar hipóteses e experimentar maneiras para transformar o papel em um objeto. Nessas experiências, vão observar que ao utilizar diferentes procedimentos para trabalhar com um material, podem obter resultados variados. O material utilizado nessa atividade é muito simples e acessível, o que deve possibilitar ao aluno experimentar sem medo de errar. O que ele precisará apenas é se aproximar do material com um novo olhar, o de pesquisador.

Esta experiência pode gerar um novo conhecimento que se traduza em uma nova maneira de pensar, de antecipar e de imaginar como essas mesmas ações poderiam transformar outros materiais, como chapas de ferro, papelão, plástico ou tecido, transferindo o conhecimento adquirido para outras situações de aprendizagem.



Como se preparar

Experimente com antecedência construir um objeto tridimensional usando papel, passando pelas etapas propostas nesta atividade, para entender melhor o processo e antecipar algumas das experiências pelas quais os alunos vão passar.

Para explicar o que é bidimensional e tridimensional, leve à sala de aula objetos e seus desenhos para comparar suas dimensões. Você pode levar uma panela, por exemplo, e o desenho de uma panela. O objetivo é comparar objetos tridimensionais com suas representações bidimensionais no papel para que os alunos entendam a diferença dos conceitos.

Nesta atividade, você pode reutilizar folhas de papel, que já foram desenhadas ou rabiscadas, contanto que não estejam amassadas.

Corte os papéis nos tamanhos 15 cm x 15 cm; 4 cm x 4 cm; 15 cm x 4 cm, de maneira que haja pelo menos seis pedaços de tamanhos variados para cada aluno.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Papéis variados: sulfite, papel espelho, papel já utilizado.

ATIVIDADE

Organize a sala com as carteiras em roda para que todos os alunos possam acompanhar as explicações sobre a atividade e, ao mesmo tempo, se olharem enquanto conversam. Coloque as folhas numa mesa no centro dessa roda dispondo-as de forma que todos possam identificar a diferença entre os formatos e tipos de papéis.

Inicie uma conversa mostrando os materiais. Diga que nesta atividade eles poderão usar apenas o papel e suas mãos – sem canetas, lápis ou qualquer coisa que pinte ou risque. E o papel não será usado para desenhar. O desafio será transformar a folha plana em um objeto tridimensional.

Diferença de dimensões

Para explicar o que é tridimensional, mostre um objeto e um desenho dele e explique que no objeto podemos ver todos os seus lados e dimensões: altura, largura e profundidade. Um objeto pode ser visto pela frente, por trás, pelos lados, enquanto um desenho mostra somente um destes pontos de vista. Se as crianças procurarem outros ângulos de observação, verão lados e pontos de vista diferentes do mesmo objeto e, às vezes, até as sombras e luzes que incidem sobre ele e mudam a forma como o vemos. Peça que tentem fazer a mesma experiência com o desenho: perceberão que, de qualquer maneira que observem a folha de papel, verão sempre o mesmo lado do objeto no desenho.

As diferenças entre bidimensional e tridimensional ficam mais evidentes na comparação entre um objeto e um desenho. Se quiser, você pode fazer isso também comparando o objeto com uma fotografia, mas somente como complemento da comparação com o desenho.

Estimule e provoque seus alunos, perguntando: O que não podemos ver do objeto quando olhamos para sua foto ou imagem? Podemos saber o peso desse objeto? Quando olhamos o objeto que está em nossa frente, o que podemos ver nele que não vemos na foto? Podemos obter mais informações? Por quê?

Com estas perguntas, conduza uma conversa sobre as características dos objetos e esclareça porque foto e objeto oferecem informações diferentes. Eles perceberão que podem conferir várias informações sobre um objeto que esteja diante deles e, numa imagem do mesmo objeto podem supor coisas. Finalize a conversa esclarecendo com a turma o que entenderam sobre os conceitos de bidimensional e tridimensional.

Transformar o bidimensional em tridimensional

Pegue uma folha de papel em branco e pergunte aos alunos para que costumamos usá-la. Para fazer algo bidimensional ou tridimensional? Relembre o que pode ser feito numa folha de papel: desenhar, pintar, colar, escrever. Então, explique a eles que o desafio será transformar a folha num trabalho tridimensional. Pergunte se já fizeram algo tridimensional na aula de Arte e que material usaram para isso.

Faça perguntas? Vocês acham que é possível fazer algo tridimensional com papel? Como? O que podemos fazer para o papel ficar de pé? Vamos fazer coisas para ele sair do chão? O que a mão faz?

Espere em silêncio até que os alunos possam começar a falar. Deixe que tentem responder. Faça novas perguntas: O que será que vai acontecer se eu dobrar esta folha? E se eu dobrar novamente?

E o que mais posso fazer além de dobrar? Vá realizando as ações no papel e enumere na lousa as ações que forem falando: Dobrar, amassar, encaixar, recortar, furar, enrolar...

O que mais podemos fazer para esse papel ficar de pé? Combine duas ou mais ações no papel neste momento, como torcer ou rasgar. Estimule as crianças a fazerem mais sugestões sobre o que fazer com o papel. Anote todas as ações sugeridas, escrevendo os verbos na lousa.

Transformando o papel

Então, peça aos alunos para irem até o centro da roda e escolherem três folhas de papel cada um. Avise que eles vão escolher para cada folha, apenas uma ação das que foram listadas. Por exemplo, na primeira folha, vão amassar; na segunda, furar; na terceira, enrolar. É provável que eles queiram amassar mais do que as outras ações, por isso oriente-os para que usem outros procedimentos também.

Retire a mesa que está no meio da roda para colocar os trabalhos resultantes dessa experiência, de preferência sobre um suporte de uma cor escura, como um pano ou papel, e chame os alunos para fazerem uma roda no chão. Observe e comente com eles os resultados diferentes obtidos com as mesmas ações ou com suportes de tamanhos diferentes; as formas que surgiram; as ações foram mais e menos aplicadas.

Como um exercício para estimular a observação, peça que classifiquem e agrupem seus trabalhos de acordo com os itens acima observados e comentados com sua orientação. Brinque com essa classificação de forma que ela não precise ser estática, agrupe, reagrupe crie novos conjuntos que sejam sugeridos pela turma.

Bicho inventado

Peça que voltem para as carteiras na roda e diga que no próximo trabalho usarão somente uma folha de papel. Dessa vez, o desafio será inventar um bicho tridimensional e, para isso, poderão combinar todas as ações que quiserem. Reforce que o bicho criado não precisa ser igual a um que exista, pode ter asas e nadadeiras ao mesmo tempo, pernas cumpridas, chifres etc. A invenção é livre.

Circule entre as carteiras, retomando as experiências para ajudá-los na construção do bicho. Lembre-os de observar os trabalhos da etapa anterior no centro da roda. Copiar as ações dos colegas pode ser uma forma de aprendizagem, ajudando-os a aumentar seu repertório de possibilidades.

É possível que fiquem com uma expectativa de que o bicho surja logo de início, mas o mais provável é ele só surgir depois de muitas tentativas. Reforce a idéia de que precisam fazer, desfazer e refazer, experimentar a combinação de ações diferentes e observar os resultados para aprimorarem seus trabalhos. Quando você perceber que a folha de papel de algum aluno já está muito marcada e ainda não houve resultado nenhum, ofereça mais papel.

Apreciação

Leve os bichos para um ambiente fora da sala, como o pátio ou o jardim. Diga aos alunos para observarem os trabalhos, pensando com que bichos eles se parecem, ou se identificam partes de bichos diferentes misturadas no mesmo trabalho. Você pode sugerir uma brincadeira, na qual os alunos imaginam onde os bichos vivem, o que comem, como se comportam. Sugira também que deem nomes para os bichos inventados.

Os experimentos da primeira etapa também podem ser levados para esse ambiente para que os alunos observem como utilizaram, na confecção dos bichos, procedimentos que experimentaram na etapa investigativa. Peça a eles que identifiquem o conjunto de ações desses procedimentos.

Pergunte se poderiam classificar os bichos de papel e peça que cada um diga os procedimentos utilizados em sua confecção. Por exemplo:

1º bicho: torcido, amassado, torcido.

2º bicho: furado, enrolado, amassado.

3º bicho: dobrado, amassado, amassado.

Provavelmente os bichos pertencem a diferentes conjuntos e isso pode disparar uma conversa sobre como identificar cada um, tendo como critério os procedimentos utilizados.

VARIAÇÕES DA ATIVIDADE

Papéis variados

Use outros tipos de papel para realizar a atividade, papéis mais duros, como cartolina, papel cartão e até mesmo papelão. E verifique como se comportam esses materiais usando as mesmas ações.

Uso de texturas

Antes de confeccionarem os bichos, peça que cada aluno crie texturas. Podem usar lápis, caneta preta ou colorida e devem preencher a folha de papel com elas. Eles podem escolher um padrão simples, como bolinhas, listras, triângulos, quadrados, estrelinhas, xis ou inventar algo mais elaborado. Assim os bichos terão as texturas como suas peles.

APRENDIZAGEM ESPERADA

- Perceber a diferença entre bidimensionalidade e tridimensionalidade.
- Utilizar procedimentos construtivos (dobrar, colar, encaixar) para transformar uma folha plana em objetos tridimensionais.
- Pesquisar como funcionam alguns conceitos, como equilíbrio, encaixe, peso, força, apoio, resistência do material, na construção de objetos tridimensionais.

desenhando com a tesoura

Apresentação

Nesta atividade, o desafio será desenhar com um instrumento diferente dos que são normalmente utilizados, como lápis e canetas. Os alunos definirão suas figuras utilizando procedimentos de recorte, com o objetivo de ampliar o repertório de atividades com a tesoura e relacioná-la ao desenho. A partir dessa experiência, vão sistematizar procedimentos de recorte que possam usar para produzir figuras com papéis variados.

Ao encarar o desafio de recortar figuras sem antes desenhar seu contorno, os alunos aprimorarão suas estratégias de desenho. Isso acontece porque usar a tesoura para desenhar cria obstáculos diferentes dos que enfrentam com o uso de lápis e caneta, exigindo que elaborem novas estratégias.

O que é importante saber

Desenhar é um meio de expressão muito comum entre as crianças pequenas, uma das primeiras formas de linguagem à qual elas recorrem. Basta um lápis e um papel ou o chão e um pedaço de giz. Ou mesmo a ponta dos dedos sobre uma superfície empoeirada.

Experiências variadas de desenho têm sido incluídas na formação do repertório artístico das crianças. Muitas propostas sugerem diferentes tipos de materiais: giz de cera, giz de lousa, canetas hidrográficas e lápis específicos para desenho.

Mas desenhar pode ir além dos riscos e traços sobre o papel. Podemos desenhar também com outros instrumentos, como pontas secas, palitos, pedaços de gravetos na areia molhada. Experiências mais ousadas também devem fazer parte da construção do repertório dos alunos.

Fusão de desenho e recorte

Desenhar com a tesoura, criando as figuras e imagens diretamente no papel, é uma experiência que funde o desenho com o recorte e propõe novos desafios às crianças. Na investigação que empreenderão para superar esses desafios, precisarão pensar de maneiras novas sobre as formas e contornos das figuras, seu tamanho e suas proporções.

Nesta atividade, as formas serão recortadas no papel sem desenho prévio. O objetivo é que dispensem o lápis: em vez de desenhar os contornos para em seguida preenchê-los com lápis de cor ou canetas coloridas, desenharam diretamente com a tesoura, recortando papéis brancos e coloridos para criar as figuras. Forma e cor serão trabalhadas simultaneamente. A figura será definida pelo próprio procedimento do recorte direto no papel, que deixa de ser suporte e se torna o material do desenho.

Se as crianças não utilizam a tesoura com a mesma frequência com que usam o lápis, sua capacidade de lidar com ela de maneira adequada e livre em trabalhos de arte fica muito limitada e seu uso vai ficando cada vez mais raro e menos variado. Normalmente, a tesoura é usada como um recurso simplificado e funcional, que atende a necessidades pontuais na confecção de produtos finais. Com isso, as aprendizagens que estão relacionadas ao seu uso ficam em segundo plano.

A tesoura funciona como uma extensão do corpo, assim como o lápis. Ao experimentar as várias possibilidades do contato direto da tesoura com as cores do papel e do movimento alinhado com o instrumento, os alunos podem pesquisar infinitas possibilidades de combinações de formas e de cores.

Preparação dos papéis

É importante que os alunos se envolvam na confecção e coleta de seu material de trabalho, pois assim ampliam seu repertório de possibilidades para a pesquisa e produção artística e deixam de se restringir unicamente aos materiais convencionais. Nesta atividade, é importante trabalhar com papéis coloridos. Se a escola não dispuser desse recurso, é possível prepará-lo, com ajuda dos alunos, pintando folhas brancas com guache. Nesse caso, a cartolina branca é indicada, por ser mais resistente.

Os papéis podem ser pintados com pincéis grandes e largos, como as trinchas chatas de pintor, ou com rolinhos de espuma, com duas camadas de tinta uniformes, sempre no mesmo sentido, e devem secar muito bem antes de serem utilizados. Se a escola não tiver tintas, use anilina dissolvida em álcool.

Guardar os materiais que sobram de outras ações é uma atitude que os alunos precisam desenvolver. Assim, ao mesmo tempo em que contribuem para diminuir o lixo, tem seu olhar estimulado para observar o que é descartado, que muitas vezes contém matérias-primas que podem ser reutilizada em novas atividades.

Como se preparar

Pesquise na internet ou em livros, imagens de trabalhos com papéis recortados do artista Henri Matisse, recortes de animais e figuras humanas de Pablo Picasso e recortes de borracha da artista Lygia Clark.



Selecione imagens interessantes, que exemplifiquem de forma bem clara o trabalho de recorte com papéis coloridos, e procure providenciar cópias coloridas dessas imagens. Elas podem ser reunidas em saquinhos plásticos ou coladas sobre um papel mais grosso para sua melhor conservação.

Experimente antecipadamente os procedimentos de recorte com tesoura propostos nesta atividade, sozinho ou com outros professores, antes de propor na sala de aula. É importante vivenciar a experiência pela qual a turma vai passar, para poder fazer intervenções e orientar os alunos na superação de dúvidas e dificuldades.

Prepare com os alunos papéis coloridos pintados e promova uma coleta de papéis de presentes e embalagens coloridas.

MATERIAL NECESSÁRIO

- Tesouras.
- Papéis brancos, pretos, coloridos comprados ou cartolina branca tingida, retalhos de papéis de presente e de embalagens, papel madeira.
- Guaches coloridos, anilinas coloridas, álcool.
- Trinchas chatas de pintor, rolinhos de espuma.
- Varal e pregadores, cola bastão ou cola branca.

ATIVIDADE

Faça uma roda de carteiras para a apresentação da proposta. Explique aos alunos que esta atividade será diferente dos recortes que estão acostumados a fazer porque não irão seguir uma linha desenhada ou o contorno de figuras: eles vão desenhar com a tesoura no lugar do lápis. A princípio, os alunos podem estranhar um pouco você dizer que a tesoura é um instrumento de desenhar, mas logo eles vão entender.

Apreciação de imagens produzidas por artistas



Organize uma apreciação de imagens de trabalhos de recorte, para que os alunos entendam esse procedimento sem que você precise demonstrar como se faz, pois muitas vezes as crianças interpretam a demonstração como um modelo a ser seguido. O material desta apreciação serão as cópias coloridas de imagens de obras de artistas que desenham com a tesoura (Henri Matisse, Pablo Picasso e Lygia Clark), escolhidas e preparadas anteriormente.

Monte um varal com as imagens selecionadas. Para apreciá-las, os alunos podem sentar-se em frente ao varal ou passear por entre as imagens. Proponha que observem as obras e tentem descobrir como foram feitas – com que materiais e procedimentos os artistas as construíram. Será que eles recortaram sem tirar a tesoura do papel? Ou recortaram as partes, para depois montar, com cola, a figura final?

Organize uma roda e inicie a conversa pedindo que os alunos levantem suas hipóteses sobre procedimentos e materiais que conseguiram observar e distinguir nas imagens. Peça que levantem a mão e aguardem sua vez de falar, evitando que todos se manifestem ao mesmo tempo e não se escutem.

Estratégias e procedimentos

Para estimular a apreciação, peça aos alunos comentem as estratégias e procedimentos que imaginam que os artistas utilizaram. Deixe os alunos à vontade para levantarem suas hipóteses, sem que sintam que é importante acertar como os trabalhos foram feitos. O importante é que, ao tentarem descobrir como os artistas trabalharam, os alunos comecem a pensar nos procedimentos que poderão utilizar durante a atividade.

Por exemplo, chame a atenção sobre como Matisse recorta a figura humana de forma contínua, sem tirar a tesoura do papel. É bem diferente da figura humana recortada por Picasso, que vai recortando as partes separadas, tirando a tesoura do papel. Esses são procedimentos que apresentam diferentes possibilidades no recorte e alteram totalmente a maneira de fazer e ver as imagens. Com essas questões, você antecipa para os alunos as duas etapas que virão a seguir: o recorte de figuras por partes e o recorte contínuo.

Recorte de figuras por partes

Depois da roda de conversa, a primeira etapa da proposta é o recorte de figuras por partes. Esse é um procedimento recorrente nas crianças, a maneira mais comum utilizada por elas em suas ações espontâneas de recorte ou nas propostas realizadas nas escolas.

Organize a turma em grupos, com quatro alunos em cada mesa, e distribua as tesouras. Convide os alunos a recortar figuras humanas, bichos ou objetos (cada aluno pode escolher livremente um desses assuntos), desenhando a figura escolhida por partes, com a tesoura, de maneira que recortem separadamente cada parte. Explique que cabeças, cabelo, tronco, membros, roupas e acessórios deverão ser recortados diretamente no papel, sem desenhos de contorno da figura com lápis para guiar o recorte. Isso também se aplica às partes de animais, casas, objetos e o que mais os alunos desejarem.

Sugira que recolham e reservem as sobras de recorte em cima das mesas. Depois, você poderá promover a observação das figuras em positivo (cheias), que foram destacadas, e as figuras em negativo (vazias), o papel que sobrou com a marca do recorte.

Com as partes recortadas, proponha que os alunos combinem e montem figuras, primeiramente sobre a mesa, sem colar – como se fossem partes de um jogo de montar. Depois que tiverem experimentado várias possibilidades e determinado a figura que querem fazer, peça que cole as partes sobre um suporte de papel de outra cor, no formato e tamanho que escolherem.

Procedimentos diferentes

Durante a atividade, alguns alunos poderão, espontaneamente, experimentar procedimentos diversos, como dobrar a folha de papel antes de realizar o recorte, tentar recortar com a mão, rasgando o papel e outras ideias que possam aparecer. Desde que essas experimentações não escapem à proposta de recortar partes de figuras sem desenhar no papel, você pode permitir que elas aconteçam e até compartilhar com a turma, mas sem sugerir que todos copiem cada nova ideia.

Caso algum aluno decida montar a figura colando as partes sem usar um suporte por baixo, ampare esta decisão e estimule para que ele o faça. Nesse caso, as partes devem ser coladas entre si, umas sobre as outras.

Peça aos alunos que coloquem suas produções sobre uma folha de papel madeira no chão, penduradas em um varal ou na parede da sala para a etapa de apreciação final.

Recorte contínuo

A segunda etapa é o recorte contínuo de figuras. Assim como na etapa anterior, os alunos poderão recortar figuras humanas, bichos, casas e objetos. Este será um desafio para eles, pois não é comum que crianças nessa idade recortem espontaneamente dessa maneira.

Diga aos alunos que a tesoura vai entrar por um lado do papel e percorrê-lo todo: para cima, para os lados, para baixo, numa trajetória definida de acordo com a figura que querem desenhar. Para isso, vão recortar com ritmos alternados, ora mais devagar, ora mais rapidamente, para marcar o percurso da tesoura sobre o papel.

Você pode demonstrar para os alunos o procedimento de recortar uma figura continuamente, mas evite indicar uma figura pronta para todos copiarem. Prefira recortar várias formas geométricas, como círculos, quadrados e retângulos e explique que cada um escolherá a sua figura para recortar.

Você também pode sugerir que os alunos escolham o mesmo assunto e a mesma figura da etapa anterior, desde que recortem continuamente a figura, para posterior comparação na etapa de apreciação.

Sem o contorno de uma figura para seguir, os alunos irão se basear na referência que tiverem em mente enquanto recortam, como se desenhassem com a tesoura. Nesta etapa, não poderão parar e soltar do papel como na etapa anterior. Agora, o recorte é contínuo: a tesoura vai recortar até a figura inteira e de uma vez só.

Com as figuras prontas, os alunos podem dobrar suas extremidades e colocá-las em pé, dando um caráter de escultura. Podem, ainda, pendurá-las no varal e fazer com que se movimentem, soprando-as e observando seu movimento de vai-e-vem. E interagir entre si, brincando com os colegas, como se as figuras fossem fantoches de teatro.

Terminada essa etapa, pendure as figuras contínuas num varal com pregadores, de maneira que elas possam balançar. Elas se tornam autônomas no espaço e adquirem movimento. Pendure também os restos do recorte (os negativos) das figuras recortadas em positivo.

Apreciação

Reúna os alunos para apreciação dos resultados em frente ao varal. Peça que todos observem as produções, comparem os trabalhos e procurem identificar:

- Se há semelhanças e diferenças entre os dois procedimentos de recorte – o feito em partes e o contínuo.
- Se os recortes contínuos modificam a figura, como isso acontece e por quê.
- Se os recortes contínuos ampliam as possibilidades das figuras, como e por quê.
- Se foi possível recortar as figuras de forma contínua e se não foi possível, por quê.
- Quais tipos de figura apareceram.
- Se é possível estabelecer conexões e relações entre elas. Quais?
- Se é possível agrupá-las e classificá-las. Com que critérios?
- Se é possível usar essas figuras em outra situação criadora.
- Se as figuras recortadas são planas ou tridimensionais.
- Se as figuras em negativo, das sobras do recorte, podem ser consideradas figuras ou somente as positivas.
- Se as figuras em negativo podem ser usadas para outra situação de aula de arte.

Colocações como essas permitem que os alunos possam também avaliar o seu processo de fazer, recuperando-o por meio das imagens criadas.

Rasgaduras – recortes de figuras com as mãos

Proponha que as etapas de recorte de partes e recorte contínuo sejam feitas usando-se apenas as mãos como instrumento, no lugar da tesoura. Deixe que os alunos experimentem essa ação para verificar a diminuição do controle no ato de recortar. Por isso, o desenho na rasgadura deve ser mais solto e menos rígido do que o desenho com a tesoura. Também funciona como um ótimo exercício motor.

Montagens imaginárias

Quando terminados os recortes com a mão ou com a tesoura em partes, sugira que os alunos troquem as partes das figuras entre si. Por exemplo, quem recortou figura humana pode trocar cabeças, pernas, roupas com outros colegas e montar uma figura mesclando partes recortadas por vários alunos da classe.

Misturando parte de figuras humanas e de bichos ou de diferentes bichos podem surgir figuras imaginárias bem interessantes: cabeça de elefante, misturada com corpo de uma galinha e o rabo de um jacaré, por exemplo.

Recorte de observação

Realize a atividade de recorte por partes ou recorte contínuo, colocando no centro da sala algum objeto para os alunos observarem. Enquanto observam, iniciam o processo do recorte, sem desenhar antes. Peça que eles observem detalhes de formas, linhas, dimensões e texturas.

Essa atividade também pode ser feita com a figura humana – um aluno pousando para o outro observar e fazer um recorte dessa observação. O aluno que vai pousar pode inventar uma pose bem diferente, como se estivesse realizando uma ação, fazendo alguma coisa. Nessa idade, esse tipo de atividades é um desafio instigante. Os alunos podem construir um painel com estes recortes, integrando-os numa criação coletiva. Podem ainda criar um cenário para suas figuras.

APRENDIZAGEM ESPERADA

- Desenhar com outro instrumento, diferente dos convencionais de desenho.
- Recortar figuras em silhueta.
- Manipular a tesoura adequadamente.
- Desenvolver a coordenação motora.
- Identificar relações de tamanho e proporção no desenho e no recorte.
- Aprimorar estratégias de recorte.

desenho a partir da descrição de uma cena

Apresentação

Nesta atividade os alunos irão realizar um desenho a partir de um texto ditado, enfrentando o desafio de representar elementos que nunca desenharam, organizando no papel, por meio de representações gráficas, as ideias que compreendem e assimilam do texto. Este processo exigirá dos alunos diversas escolhas, como identificar e selecionar as informações que usarão para desenhar, determinar o que colocar em destaque e decidir como relacionar diferentes informações e elementos na composição do desenho.

O que é importante saber

Esta atividade é um exercício para que os alunos mobilizem seu repertório tanto para desenhar objetos ou elementos que conhecem, mas que nunca desenharam, quanto para desenhar elementos para os quais desenvolveram desenhos estilizados ou fórmulas que se repetem com frequência, como casinhas, árvores, sol e bonecos de palito.

Para realizar esse desafio, é importante que os alunos se sintam à vontade para criar novas formas de desenhar. Portanto, acolha suas dúvidas e incentive-os a explorar maneiras variadas de representação no desenho. Para estimulá-los a desenhar, escolha textos que descrevam lugares e objetos com riqueza de detalhes, que falem de qualidades, como o material de que a casa é feita, se tem telhado alto e pontudo ou se é de pau-a-pique, coberta de palha ainda fresca e outras tantas características que possam sugerir cores, texturas e demais qualidades gráficas.

Leia o texto quantas vezes achar necessário para que todos possam extrair o máximo de informações.

Desenhar a partir de um texto ditado

O objetivo da atividade é desenhar a partir de informações que estão em um texto ditado, procurando criar uma imagem em que sejam identificados fundo e figuras. Entretanto, o maior desafio está na combinação de tudo para compor uma cena e isso pode não ser conseguido numa primeira tentativa. Por isso, essa *Atividade Habitual* deve ser repetida muitas vezes e de forma variada para que os alunos aprendam com suas experiências e as de seus colegas, com as suas orientações e com a apreciação dos trabalhos.

Noções de espacialidade

Como o assunto é fundo e figura, o texto escolhido deve desafiar as crianças a lidarem com noções de espacialidade, profundidade e proporção. É importante que o texto tenha trechos com informações de localização (em cima, embaixo, longe, perto, ao lado) e de dimensão (grande, pequeno, maior, menor).

Oferecer papéis coloridos de formatos variados pode ajudar o grupo a perceber que a proposta dessa atividade é que cada um procure soluções particulares para seu desenho e que mesmo que todos ouçam o mesmo texto, não haverá nenhum desenho igual ao outro.

Orientar os alunos para, se tiverem muita dificuldade para desenhar algum elemento do texto, deixá-lo de lado, dedicando mais tempo para outros objetos.

Como se preparar

A primeira providência é escolher o texto que será lido. Você deve selecioná-lo, preferencialmente, de livros que já esteja trabalhando com a classe, desde que seja um texto descritivo de uma cena de interior, com detalhes do ambiente, que contenha um bom número de informações para os alunos desenharem e para explorarem o conteúdo de figura e de fundo.

Prepare sua leitura em voz alta, planejando os momentos para realizar pausas, para que os alunos possam acompanhar sua leitura, desenhando.



Localize as partes descritivas da narrativa para enfatizá-las em sua leitura.

Planeje o tempo da leitura para que os alunos possam desenhar com calma.

Prepare os papéis para a atividade com antecedência, em diferentes formatos e tamanhos: uns mais compridos, outros quadrados ou redondos. Use papel colorido ou, se possível, use anilina para tingi-los.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Papéis em formatos e cores variados.

ATIVIDADE

Como se trata de uma atividade individual, na qual as soluções de cada aluno dependem de seu repertório visual e dos recursos para desenhar, a organização da sala pode permanecer a de costume, cada um na sua carteira.

Comece a conversa relacionando o ditado que os alunos já conhecem com o que será realizado nesta atividade, em que o ditado é feito para desenhar. Explique que será lido um texto, assim como no ditado comum, mas em vez de escrever as palavras ditadas, irão desenhar o que estão escutando.

Mostre os papéis nos quais os alunos irão desenhar, comentando sobre as possibilidades de organização dos elementos no espaço – aproveite para antecipar questões de escala, proporção e profundidade, explique que alguns elementos do ditado podem aparecer na frente, outros atrás, alguns serem grandes e outros pequenos. Eles mesmos terão de deduzir, enquanto desenhavam, o que ocupará mais ou menos espaço dentro do ambiente descrito. Por exemplo, se estiverem desenhando uma sala de estar, ao ouvirem que existe um sofá nele, alguns podem antecipar seu tamanho e localização, refletindo sobre escala e proporção em seus desenhos.

Desenho paralelo à leitura

Converse com os alunos para que não usem borracha, e assim possam criar um ritmo paralelo entre o ditado que estão escutando e o que estão desenhando. Se fizerem uma pausa para usarem a borracha, a sincronia entre a escuta e a produção da imagem se romperá. Por isso, é importante explicar aos alunos que não precisam ficar preocupados em “acertar” o desenho. Eles podem tentar soluções de modo que linhas imprevistas sejam incorporadas ao desenho. Podem deixá-las aguardando para criar outro elemento que poderá vir mais adiante no texto. Lembrando-os que o texto trará sempre elementos surpresas e que o desafio será organizá-los no espaço da folha como eles são apresentados no texto.

Ditado e produção

Peça à turma que se prepare, com o papel e o lápis na mesa, e comece o ditado. Percorra a sala, andando entre as carteiras durante a leitura e aproveite as pausas para observar os alunos desenhando. Lembre-se de que essa pode ser uma atividade nova e incomum para o grupo. Dite o texto vagarosamente, enfatizando os detalhes descritos, dando tempo para as crianças formarem uma imagem do que está sendo descrito. Repita a leitura de um trecho, se necessário.

Soluções individuais

Observe as diferentes soluções e características gráficas que aparecem nos desenhos: sobreposições das linhas dos elementos que vão sendo desenhados durante a descrição, dando a impressão que um objeto está sobre o outro; desenhos repletos de informação por toda página, ou alunos que desenhavam como se estivessem classificando os objetos numa lista, dispostos no papel sem obedecer ou imaginar a organização espacial do ambiente.

Tudo isso pode acontecer e é importante observar e comentar com os alunos. Nesse caso, peça que façam um novo desenho, procurando organizar os elementos segundo a cena descrita. Retome o texto ou apenas relembre a cena – o que está na frente, o que está atrás, o que fica ao lado, o que é grande, está perto e assim por diante. Desse modo, todos podem visualizar a cena e reorganizar os elementos em um novo desenho. Quem já fez isso na primeira tentativa pode ser convidado a acrescentar detalhes.

Depois de ler o texto quantas vezes considerar necessário, dê alguns minutos para que os alunos terminem de desenhar os detalhes.

Apreciação

Para a apreciação, monte um varal na sala de aula. Conforme os alunos forem terminando os trabalhos, peça que cada um pendure seu desenho no varal para observar os resultados. Depois que estiverem todos dispostos, convide os alunos a passar observando os desenhos dos colegas.

Converse com a turma sobre as muitas soluções e estilos que surgem numa atividade como essa, na qual cada um trabalha com suas referências pessoais para criar sua própria representação de uma cena. Para comentar, escolha alguns desenhos que tenham resultados bem diferentes e destaque a maneira como as linhas são distribuídas no papel, os tipos de linhas variadas, os níveis de detalhamento dos objetos, a variação de tamanho de um mesmo elemento e outros aspectos que apontem para a variedade de possibilidades de interpretação da descrição.

Observe os resultados e procure por essa variedade; verifique se elementos descritos com menos precisão no texto variam mais de um desenho para outro; observe como cada aluno utiliza seus conhecimentos prévios sobre determinados objetos para desenhá-los e, quando perceber algo desenhado de forma muito específica ou diferente, pergunte ao aluno que o fez a quais memórias ou referências ele recorreu, para que compartilhe com o grupo.

Peça que os alunos façam o mesmo e observem os desenhos procurando identificar as maneiras pelas quais cada um interpretou o ditado e representou tamanhos, proporção e localização dos elementos na cena. Deixe que falem o que estão pensando e reforce positivamente as variações de resultado.

VARIAÇÕES PARA A ATIVIDADE

Montagem de cenários

Realize o ditado de desenho, mas em vez de pedir que os alunos reproduzam a cena descrita, proponha que desenhem os objetos e elementos da cena separadamente, em forma de lista ou espalhados na folha. Ao terminarem os desenhos, peça que recortem os elementos para montar uma cena em pequenos grupos. A apreciação será focada nas questões ligadas à relação de posição, localização e proporção entre os objetos presentes no desenho e na montagem coletiva.

Leitura única

Você pode seguir o mesmo roteiro da proposta inicial da atividade, mas lendo o texto pausadamente apenas uma vez. Para finalizar a atividade, os alunos podem pintar a cena com guache. Para isso use uma folha maior e mais resistente, como a cartolina, com mais ou menos 30 centímetros de lado. A apreciação continua com o mesmo foco da proposta inicial.

APRENDIZAGEM ESPERADA

- Interpretar uma narrativa oral por meio de imagens.
- Utilizar a memória e o repertório visual para desenhar.
- Buscar soluções gráficas para questões que se impõem ao longo da realização de um desenho.
- Observar e reconhecer a espacialidade, proporção e profundidade no desenho.
- Organizar e selecionar por meio do desenho ideias contidas em um texto.

desenho a partir de uma interferência

Apresentação

Nesta atividade os alunos são solicitados a desenhar a partir de um fragmento de uma imagem. O fragmento funciona como algo que dispara uma produção, é um ponto de partida, um incentivo à imaginação. Pode ser a imagem de um tronco de árvore, uma linha, uma roda de bicicleta, um padrão num pedaço de tecido ou apenas uma forma sugestiva. O desafio é incorporar esse fragmento, criando figuras e soluções gráficas ainda não experimentadas no desenho espontâneo da criança. O que se quer é aguçar o imaginário, estimular sua capacidade em construir imagens a partir de outras visualidades. É também contribuir para que encontre diferentes soluções e caminhos para seus desenhos, possibilitando que imagine diferentes formas a partir de um fragmento encontrado no papel, incorporando-o ao desenho de forma pessoal.

Ao final da atividade, durante a apreciação dos trabalhos, será interessante acompanhar como esses fragmentos funcionaram: os caminhos e possibilidades explorados pelas crianças, suas maneiras de produzir, de observar e de ver o mundo.

O que é importante saber

Esta atividade está vinculada ao desenho de imaginação – aquele em que as crianças lançam mão de experiências que assimilaram, ao apreciar imagens, fazer desenhos de observação, resgatar elementos de sua memória, articulando uma ou outra coisa para compor conforme seus interesses.

Chamamos “interferência” o que usamos para disparar o desenho da criança e pode ter diferentes procedências. Fragmentos de uma imagem, um traço no papel, um adesivo, uma semente, um tecido estampado, detalhes de paisagens, uma forma recortada, tudo isso pode servir para disparar a produção, para aguçar a imaginação da criança e desafiá-la a produzir.

Seleção de imagens

A seleção de imagens para esta atividade sugere a escolha de detalhes de figuras – fragmentos que provoquem o olhar dos alunos e deflagrem possibilidades de experimentar desenhos criados com texturas, linhas, cores, tramas, formas, diagramas, pontos. Por exemplo, um pedaço de tecido colado no papel pode disparar explorações e construções de padrões, fazendo o desenho “crescer” e se engrandecer nas suas potencialidades gráficas.

Da imagem de uma árvore podemos isolar fragmentos como seu tronco, sua copa, suas raízes ou mesmo uma folha. Da imagem de um barco podemos reter a proa, as velas, os mastros ou a popa. Da imagem de uma pessoa, podemos obter detalhes como braços, pernas, cabeça, sapatos etc.

Fazendo uso de um visor

Os fragmentos podem ser recortados com o auxílio de um visor simples, como uma janelinha recortada em um papel. Isso possibilita isolar e selecionar detalhes de um todo. Passando o visor sobre uma imagem maior, o olho pode captar um detalhe interessante da figura. Esse detalhe pode ser recortado e colado na folha de papel branco para ser entregue às crianças.



Como se preparar

Recorte e cole vários detalhes de figuras e monte uma caixa para ficar na sala de aula. Uma coleção de fragmentos pode servir para atividades diárias com desenho de interferência.

Selecione imagens que possam disparar uma produção. Utilize fontes variadas para essa seleção, como revistas; papéis estampados com texturas e tramas gráficas variadas; anúncios de supermercados; fotografias; livros velhos, panfletos de construtoras, periódicos e outros.

Cole dois fragmentos em uma folha de papel. Tente compor uma variedade de imagens e uma boa quantidade de papéis preparados com essas figuras coladas, pois assim terá muitas opções para distribuir aos alunos.

Organize um varal e pregadores que serão utilizados durante a atividade.

Se quiser trabalhar com visores, o ideal é utilizar um papel mais duro e encorpado, de preferência escuro, cortado em um quadrado de cerca de 15 centímetros. Com um estilete, abra uma janela de 4 centímetros de lado no centro desse quadrado.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Fontes de imagens: revistas, anúncios, panfletos de construtoras ou outras fontes de imagens.
- Folhas de papel branco.
- Tesoura e cola bastão.
- Canetinhas hidrográficas pretas e coloridas, finas e grossas.
- Lápis de cor e lápis grafite.
- Varal e pregadores.
- Papel encorpado para a confecção do visor.
- Estilete.

ATIVIDADE

Pendure no varal os suportes com os fragmentos colados previamente – você pode envolver os alunos nessa organização. Conte para eles que esta será uma atividade de desenho. Sugira que se levantem de suas carteiras, observem o varal de imagens e tentem descobrir o que está sendo proposto com essas imagens.

Faça uma rápida apreciação dos fragmentos e deixe que falem sobre o que estão vendo, como são os detalhes das figuras, se é possível imaginar a figura inteira, suas características. Estimule-os a diferenciar os que são pedaços de figura e os que são pedaços de textura ou outras coisas. Observe com eles as diferentes maneiras de sobrepor os fragmentos nos suportes. Comente os critérios que nortearam sua escolha dos detalhes.

Ao observar e comentar os suportes no varal, os alunos já estão iniciando seu fazer, criando imagens em seu pensamento, antecipando as ideias para seu trabalho. Muitas vezes, as crianças antecipam o seu fazer, se reconhecem nas figuras e começam a planejar verbalmente o que irão fazer a partir daquele estímulo inicial. Encoraje esta verbalização para que a classe perceba que existe um potencial criador tanto nos fragmentos ali colados como em cada criança individualmente.

Escolha do suporte para o desenho

Convide os alunos a escolherem um suporte – um dos papéis expostos no varal com fragmentos de imagens colados. Evite dar sugestões, pois a escolha é um fator determinante e individual nos processos artísticos.

Ponha à disposição da turma canetas hidrográficas pretas e coloridas de pontas finas e grossas, lápis preto e lápis de cor. Assim, ao desenhar, os alunos poderão experimentar recursos mais adequados para trabalhar com o fragmento escolhido, seus tipos de linha e textura.

Disparando uma ideia

Antes de os alunos começarem a desenhar, peça que observem as figuras coladas no suporte de diferentes posições. A partir dessa observação, é possível que já surja alguma ideia para o trabalho, pois as qualidades visuais observáveis dos detalhes serão as deflagradoras da experiência de desenhar. Cada detalhe pode sugerir diferentes formas de produção e transformação da imagem, pode desencadear ideias e constituir intenções.

Mantendo o clima

Circule entre as mesas dos alunos, realizando intervenções verbais durante a atividade: retome com eles as ideias discutidas na conversa de apreciação inicial e acompanhe o processo criador de cada um em relação ao que foi planejado. Observe as transformações nos desenhos, comente as novas ideias, os aspectos que se alteraram durante o desenrolar da atividade. Essa é uma atitude muito positiva durante o encaminhamento da proposta, pois você se coloca como um espectador participativo, que interage com os alunos, estimulando sua produção. Ao final da atividade, pendure as produções dos alunos no varal.

Apreciação

Terminado o desenho, organize os alunos sentados em frente ao varal. Retome a proposta da atividade realizada. Inicie a apreciação com uma conversa pedindo que lembrem o que imaginaram inicialmente, a partir do fragmento que escolheram e quais eram suas expectativas para o desenho. Converse com as crianças sobre os resultados de suas produções e como os fragmentos de imagem foram incorporados.

Observe e comente em cada desenho se foram incorporados ou se os criaram-se desenhos distintos para cada um deles. Como um fragmento foi ligado a outro. Se os desenhos “imitaram” ou mimetizaram os fragmentos com os elementos traço, cor, textura e forma. Nos fragmentos que foram integrados, observam como se deu essa integração. Destaque também as situações em que o fragmento foi usado como referência para desenhar. No caso de fragmentos figurativos, confira se viraram desenhos abstratos. Se fragmentos abstratos se tornaram parte de figuras ou elementos figurativos e como o desenho da criança promoveu essas transformações.

VARIAÇÕES DA ATIVIDADE

Depois de experimentarem o desenho com interferência a partir dos fragmentos que você preparou, os alunos podem escolher seus próprios fragmentos e decidir em que lugar do suporte vão colar cada um deles.

Com pintura

Além de usar materiais secos, você pode substituir o desenho por pintura. As linhas, traços, formas, texturas, pontos, tramas podem ser realizados com anilina. Pincéis ou palitos de churrasco, de dente e de picolé podem ser acrescentados à atividade. A anilina comestível diluída no álcool pode oferecer uma boa alternativa para o uso da cor. Com a secagem rápida característica desse tipo de tinta, é possível sobrepor as duas linguagens – a pintura com anilina e o desenho –, num mesmo suporte e também num mesmo dia.

Fragmentos em preto e branco

Os fragmentos escolhidos nas fontes de pesquisa podem ser xerocados, conseguindo-se assim que eles fiquem pretos e brancos. Então, proponha o desenho com materiais de cor preta, como canetas hidrográficas finas e grossas, lápis de cor preto, carvão, ponta seca molhada na tinta preta. O conteúdo contemplado nesta atividade é o contraste do claro-escuro.

Fragmentos de desenhos infantis

Você pode usar os desenhos das crianças ou trechos de textos escritos por elas e xerocados como fonte de pesquisa para obtenção dos fragmentos. Pode usar também trechos dos rabiscos das crianças pequenas (mais abstratos) e dos desenhos mais figurativos das crianças mais velhas. Ainda assim, a proposta não é a completar o que está faltando na figura, mas sim transformá-la.

APREDIZAGEM ESPERADA

- Identificar o que são e quais são as qualidades gráficas dos fragmentos recortados.
- Utilizar as qualidades gráficas, como linhas, formas, textura e estampas como padrão de referência para compor superfícies.
- Sobrepor formas e linhas, operando por sobreposição e justaposição, compondo tramas mais abertas e mais fechadas e criando transparências ou opacidade variadas.
- Recontextualizar o recorte como interferência de diferentes maneiras – como figura, como fundo ou como detalhe.
- Desenvolver estratégias de ocupação e composição no campo do papel ou outro suporte.
- Identificar as qualidades gráficas do fragmento como elemento construtivo do desenho.

desenho de observação de diferentes

Apresentação

A proposta desta *Atividade Habitual* é de as crianças experimentarem observar as coisas a partir de diferentes pontos de vista, em particular “a vista aérea”. Conhecendo a possibilidade de ver as coisas sob vários pontos de vista, as crianças serão solicitadas a imaginar a escola e seu entorno vistos de cima e a representar essa visão, conhecida também como “olho de pássaro”, em forma de desenho.

pontos de vista

O que é importante saber

Ao observar algo, um objeto ou uma paisagem, fatores como a posição da pessoa frente ao que está sendo observado e a localização de seu corpo no espaço, a direção para a qual seu olhar se dirige, os ângulos proporcionados pelos objetos, são determinantes para compor um ponto de vista.

Alguns objetos nos oferecem diferentes ângulos de visão, como um ralador, um tênis ou um bule. Outros, como uma bola, mesmo se submetidos a variações na posição em que são colocados ou vistos apresentam ângulos bem parecidos, sempre arredondados. Objetos como um copo ou um pão têm ângulos iguais ou diferentes, se vistos de lado, de cima ou de baixo.

Noções de enquadramento também podem ser trabalhadas nessa atividade. Enquadrar é selecionar uma parte de uma imagem, é destacar uma parte de um todo. Embora a palavra faça menção a um quadrado, como o visor de uma câmera, uma imagem também pode ser vista a partir de um círculo, um retângulo etc. Imagine que ao desenhar uma paisagem, uma pessoa tenha escolhido representar somente o telhado de uma casa e as montanhas atrás dela. Ela terá feito uma escolha, um enquadramento, apresentando uma parte específica, um olhar, entre muitos possíveis, para aquela paisagem.

O uso de visores é um recurso para experimentar enquadramentos diversos. Usando um visor, o que aparece de uma paisagem, de uma figura, de um detalhe do céu ou de uma cena vai depender do formato e da posição do visor diante dos nossos olhos.

Ao pedir que os alunos façam o registro da vista aérea da escola e do seu entorno, o que se quer é que adotem o ponto de vista conhecido como “olho de pássaro”, ou seja, procurem reproduzir como as coisas apareceriam a uma ave ao sobrevoar uma área.

Faça o desenho esquemático, indicado na atividade, na lousa, junto com as crianças, utilizando formas geométricas para mapear a escola e seu entorno. Assim, por exemplo, o pátio pode ser representado como um retângulo, as árvores como círculos e o prédio central como vários quadrados, um imediatamente após o outro ou com pequenos intervalos, de acordo com a disposição real dos elementos a escola.

É provável que os alunos fiquem agitados com a possibilidade de transitarem pela sala para observarem os objetos. Fique atento para que esse também seja um momento de aprendizagem, estabelecendo combinações para garantir que todos possam tirar proveito da atividade.



Como se preparar

Esta atividade apresenta três momentos distintos. Avalie se eles podem ocorrer num só dia ou mais dias.

Selecione objetos para a observação.

Experimente olhar os objetos sob vários pontos de vista antes de iniciar a atividade com seus alunos. Confira o como você percebe um objeto ao aproximá-lo de seus olhos, ao afastá-lo, se o olhar de cima, de lado ou através de um visor.

Se tiver acesso a um computador, faça uma pesquisa no site de mapas do Google, que permite visualizar diferentes áreas vistas de cima e também de outros pontos de vista. Tente aproximar ou distanciar a imagem desses locais, prestando atenção nas modificações na representação dos elementos da paisagem. Se vistos de perto, parecem grandes, se vistos de longe, parecem pequenos.

Prepare-se para “mapear verbalmente” a região da escola para seus alunos, empregando palavras que dizem respeito à localização. Por exemplo: “do lado esquerdo” do campo de futebol temos um jardim e “perto” desse jardim, temos uma árvore.

O exercício de desenhar o que há para ser mapeado ajudará muito a encaminhar a atividade com as crianças.

Organize a sala para a atividade, reunindo quatro carteiras ou deslocando a mesa do professor para o centro, de onde as crianças poderão ver os objetos ali expostos. Se possível forre a mesa com algum material de cor neutra, isso ajudará a dar destaque aos objetos observados.

Prepare os visores, recortando um quadrado de três centímetros de lado no centro de uma cartolina maior, com cerca de 15centímetros de lado.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Caneta preta (ponta não muito fina), canetinhas hidrocor coloridas.
- Papéis brancos, cartolina branca.
- Objetos para serem observados.
- Papel ou tecido de cores neutras para cobrir as mesas com os objetos a serem observados.
- Barbante e pregadores para um varal para expor os trabalhos.

ATIVIDADE

1º Momento: observação de diferentes pontos de vista

Encaminhe uma roda e comunique a proposta de atividade. Enquanto organiza os objetos a serem observados sobre a mesa, oriente os alunos a se movimentem pelo espaço, buscando ver os objetos sob vários pontos de vista, aproximando-se para vê-los de perto, distanciando-se para olhá-los mais de longe, abaixando-se ou subindo nas cadeiras em volta da mesa para vê-los de cima. Ao fazerem esse exercício poderão ver os objetos de diferentes pontos de vista, perceber as diferenças e semelhanças entre os lados desses objetos e seus ângulos.

Vista aérea

Enfatize o uso da vista aérea. Enquanto os alunos observam os objetos vistos de cima, ajude-os compartilhando as descobertas que podem estar acontecendo particularmente. Distribua os visores para que vejam através deles, oriente-os a fazerem diferentes enquadramentos e estimule-os a contar os seus preferidos.

Reorganize a roda e inicie uma conversa perguntando o que significa ponto de vista. Deixe que coloquem suas ideias. Procure saber se entenderam que um objeto pode ser visto de diferentes ângulos de visão e pontos de vista. Continue a conversa destacando a experiência que tiveram observando os objetos de cima, e explique que esse ângulo de visão é chamado de “vista aérea” ou “olho de pássaro”.

Converse também sobre as descobertas que fizeram com o uso do visor, deixando claro o que é fazer um enquadramento.

2º Momento: mapeamento da escola e seu entorno

Realizado o primeiro momento da atividade, solicite que se aproximem da lousa para fazerem o mapeamento da escola e de seu entorno vistos de cima. Inicie fazendo um desenho esquemático que servirá de ponto de partida para mapeamento – pode ser o próprio prédio da escola, representado por um quadrado ou retângulo, de acordo com seu formato real. Desenhe também outro elemento, como o portão, por exemplo, para ajudá-los a entender o que se está pedindo e permitir que se orientem no espaço. Use o vocabulário que diz respeito à localização, como perto, longe, do lado, à esquerda, à direita, em cima etc.

A escola vista de cima

Em seguida sugira que se organizem em grupos de dois ou três e façam eles mesmos o desenho da escola vista de cima. Distribua papéis e canetas para essa proposta.

Ao completarem o desenho relativo à área da escola, sugira que desenhem os elementos do entorno, as ruas e os lugares próximos, os canteiros, as calçadas etc. Incentive-os a inventarem modos para representar os lugares, usando grafismos para texturas, por exemplo.

Faça perguntas que orientem o olhar das crianças:

- O que podemos observar quando vemos a escola de cima?
- Como são as telhas? De que cor são? Será que todos os telhados são da mesma cor?
- Como vemos as árvores de cima?
- Onde fica a caixa d'água e as antenas?
- Como são as coisas vista de perto? E vistas de longe?
- Imaginem que somos um pássaro que está sobrevoando a escola, vendo-a muito distante. O que ele vê?

3º Momento: Apreciação

Organize os trabalhos num lugar da sala de em que os alunos possam vê-los. Pode ser num varal esticado em uma das paredes. Encaminhe uma apreciação dirigindo o olhar de todos para diferentes formas de representação adotadas, valorizando os recursos gráficos encontrados pelos diferentes grupos.

Peça que tentem identificar no trabalho dos colegas o que cada elemento representa. Procure observar também como cada um usou as texturas, grafismos e cores, percebendo as particularidades que surgiram ao realizar a proposta.

VARIAÇÕES DA ATIVIDADE

Esta atividade pode ser realizada usando-se outros materiais, como tinta guache, carvão, giz de cera e anilina dissolvida em água.

Você pode fazer uso de revistas, jornais velhos ou retalhos de tecidos para registrar a vista aérea da escola.

Estipule outras áreas para que sejam observadas de cima, como o lugar onde vivem ou o zoológico da cidade.

APRENDIZAGEM ESPERADA

- Compreender a observação de diferentes ângulos, proporções e enquadramentos como recursos para o desenho.
- Explorar os diversos enquadramentos estabelecidos.
- Explorar as diferentes formas de representar as coisas, fazendo uso de grafismos e texturas variadas.
- Reconhecer nas formas desenhadas, elementos de uma paisagem vista de cima.

desenho de observação de objeto

Apresentação

Esta atividade contempla o desenho de observação de objetos de nosso cotidiano e desafia os alunos a observarem aspectos importantes, como escala e proporção. Eles serão solicitados a desmontar um objeto e examinar suas partes para, em seguida, registrá-las. Nesse processo, serão orientados a observar as marcas que os constituem como linhas, texturas, formas, tamanhos e cores. Ao final, de posse de desenhos de partes do objeto observado, serão desafiados a remontá-lo. É principalmente nesse momento que aspectos relacionados à escala e à proporção serão colocados em pauta. A atividade pode encantar as crianças pela qualidade investigativa e construtiva que proporciona.

desmontado

O que é importante saber

A seleção do objeto a ser desmontado é relevante nesta atividade, pois sua potencialidade construtiva pode orientar a qualidade do envolvimento das crianças e a aprendizagem pretendida.

Um carrinho faltando uma peça, uma máquina velha, um telefone estragado, uma bicicleta sem uso e outros objetos que, aparentemente, parecem não ter significado aos nossos olhos ou aos olhos das crianças, podem adquirir outro valor se observados a partir do enfoque dessa proposta. A maneira como você irá orientar o olhar dos alunos para esses objetos, evidenciando sutilezas e particularidades de cada um deles, pode ajudar a agregar-lhes valor.

Esta atividade lida com a aprendizagem de conteúdos como escala e proporção. Escala é a relação entre a dimensão real dos objetos e suas representações no plano. Proporção é a relação de medida entre as coisas, é a comparação entre as medidas dos objetos e dos espaços.

Ao propor o desenho de observação com foco em aspectos como escala e proporção, é preciso acolher as distintas representações dadas pelas crianças para o mesmo objeto. É provável que apareçam desenhos com dimensões e formas bem variadas. Nesses casos, para não desestimulá-las ou inibi-las frente aos novos desafios é recomendado não as corrigir. É importante ter claro que desenhar é um processo em permanente construção e que só se aprende a desenhar desenhando. Assim, as crianças se sentirão mais encorajadas e confiantes para prosseguir praticando.

A maneira particular de cada criança desenhar sinaliza o momento em que sua pesquisa gráfica se encontra. Sendo assim, fazer um desenho de observação é trazer à tona uma maneira particular de ver e registrar aspectos de um objeto, algo que é preciso respeitar e valorizar.

Aproveite a atividade encaminhada para envolver a turma na arrumação do espaço, na desmontagem dos objetos, na organização dos materiais etc. Quando as crianças participam desses preparativos, elas se apropriam de metas importantes da área de Artes que dizem respeito a cooperar, compartilhar, tomar decisões, valorizar, entre outras.

O momento da apreciação indicado nessa *Atividade Habitual* permite que os alunos se coloquem e desenvolvam sua capacidade de analisar sua produção a partir dos desafios colocados para o grupo.

Como se preparar

Faça um “garimpo” de objetos que possam ser usados. Eles devem ser atraentes ao olhar das crianças, têm de ser desmontados com facilidade e, ao mesmo tempo, têm de contar com atributos interessantes de serem grafados, como uma forma orgânica, um padrão ou uma textura. Envolve as crianças, os demais professores da escola, os pais dos alunos e até seus vizinhos na seleção desses objetos.

Para o desenho de observação, corte papéis pretos tipo cartolina, mais grossos, em quadrados pequenos, de aproximadamente 12 centímetros de lado. Caso tenha escolhido algum objeto cujas partes são compridas, corte papéis no sentido longitudinal – uma lateral com 10 centímetros e a outra com 20 centímetros – que podem ser usados tanto na vertical como na horizontal. Se só tiver cartolinha branca, pinte-a de preto.

Experimente a proposta antes de apresentá-la à turma, pois isso pode contribuir para antecipar alguns problemas e fazer adaptações importantes para o bom andamento da atividade.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Lápis de desenho ou lápis preto, canetas pretas.
- Cartolina, papel sulfite inteiro e cortado em quadrados pequenos, papel preto.
- Cola bastão ou cola branca.
- Tesouras.
- Objeto para ser desmontado.
- Fita crepe.

ATIVIDADE

Organize as carteiras em roda, mostre o objeto escolhido e pergunte aos alunos se têm ideia do que poderão fazer com ele. Deixe que tentem descobrir a quem pertencia, a idade dessa pessoa, em que lugar da casa ficava e, caso esteja quebrado, verifique com eles que parte está faltando etc. Se considerar relevante, conte porque o escolheu para esta atividade.

Estimule os alunos a olharem para o objeto e a descrevê-lo: de que é feito, cores, formas, texturas, tamanho e linhas. Em seguida, explique que a proposta desta atividade será diferente do que eles estão acostumados a fazer, pois se trata de realizar desenhos de partes de objetos desmontados e não deles inteiros.

Decompondo em partes

Desmonte o objeto com auxílio de algumas crianças. As partes ficarão visíveis e, desse modo, os alunos poderão perceber detalhes que normalmente ficam menos observáveis quando o objeto está inteiro.

Oriente-os a observarem essas pequenas partes, considerando novamente as qualidades dos materiais: cores, formatos, texturas, dimensões de cada uma delas, relacionando-as sempre ao todo, ao objeto antes de ser desmontado. Leve-os a perceber como cada peça do objeto pode dar significado ou depender da outra.

Reorganize a sala com a ajuda da turma, formando vários grupos de quatro carteiras forradas com papel branco, onde será colocada uma das partes do objeto. Disponha os materiais que serão utilizados para o desenho em outra mesinha, de onde os alunos poderão se servir de papéis, canetas pretas e lápis etc.

Observar e desenhar

Apresente a proposta de desenharem as partes do objeto em pequenos papéis. Como o desenho será feito a partir da observação do objeto, eles devem examiná-lo e registrar os detalhes das peças: suas linhas, texturas, formas e dimensões. Oriente-os também a pensarem nos tamanhos dos desenhos em relação ao tamanho real de cada parte, chamando a atenção para escala e proporção entre elas.

Terminada a atividade, faça uma apreciação rápida das produções dos alunos, observando o desenho de cada peça, apresentando as marcas que o compõe. Esse parece ser um bom momento também para uma conversa sobre aspectos relativos ao estilo e à maneira de desenhar de cada criança, exemplificando as diferenças no fazer.

Avalie com os alunos a disposição para continuarem os encaminhamentos. Caso estejam cansados estabeleça outro dia para continuar a atividade.

Remontagem do objeto a partir dos desenhos de suas partes

Peça aos alunos que recortem as peças desenhadas e depois reúna as partes iguais para redividi-las entre os grupos. Se tiverem usado uma boneca, por exemplo, será possível juntar uma coleção de braços, pernas, cabeças, com tamanhos e formas diferentes, uma vez que cada criança imprimiu ali seu jeito de ver e representar esse objeto.

Reorganize a turma e divida os desenhos de maneira que cada pequeno grupo receba uma coleção de partes do objeto. No exemplo da boneca, os grupos receberiam braços, pernas, cabeças, peito etc.

A partir dessas partes, proponha que remontem o objeto usando os desenhos recortados. Oriente-os a avaliarem a escala e a proporção entre as partes e decidirem qual delas usar nessa remontagem.

Primeiramente vão fazer isso sobre as mesas, como um jogo. Depois, vão colando as partes sobre o papel preto. Terminada a colagem, disponha os trabalhos num canto da sala, num mural ou em um varal, de maneira que todos possam vê-los.

Apreciação

Proponha aos alunos que olhem os trabalhos e incentive-os a contar como o fizeram, os procedimentos praticados e o que aprenderam ao fazer isso. Esse é um bom momento para olhar com atenção as diversas soluções encontradas para a representação de um único objeto, indicando os diferentes pontos de vista (depende do lugar que estavam quando desenharam), o gesto, a pressão da mão, a largura das linhas, as dimensões etc. – aspectos que caracterizam o jeito de fazer de cada criança – ou para contar como fizeram para grafar algum detalhe da peça.

- Procure identificar:
- Como, a partir da observação de partes do objeto desmontado, lidaram com a escala, a proporção e aspectos gráficos específicos.
- Se a observação de detalhes foi capaz de ampliar as possibilidades de representação, aproximando os desenhos do objeto real.
- As semelhanças e diferenças entre os desenhos de uma mesma parte e das montagens do objeto com o próprio objeto observado.
- Como, no momento da remontagem do objeto inteiro, os alunos resolveram os problemas e os desafios lançados pela desproporção das partes desenhadas.
- As relações apresentadas entre a bidimensionalidade dos desenhos realizados e a tridimensionalidade do objeto real.
- As possibilidades de representação de um objeto com três dimensões.

Substitua os objetos observados por outros que também possam ser desmontados e rerepresente a atividade num outro dia.

Banco de imagens

Estimule os alunos a desenharem pernas, braços, cabelos, mãos, pés, cinturas, pescoços etc., para criarem um banco de imagens de partes do corpo. Experimente fazer os desenhos com um aluno posando para os outros da classe, um modelo para cada grupo ou, ainda, você posando para as crianças. Todas essas variações podem ser bem divertidas! Quando todas as imagens estiverem prontas, sugira que recortem, misturem as diferentes partes de corpos das pessoas observadas e colem, criando figuras humanas imaginárias.

Gigantes e anões

Você pode estimular os alunos a desenharem partes do corpo em grande escala, usando um papel maior. Assim, na hora da montagem, figuras gigantes irão aparecer.

Também pode ser bem estimulante fazer o contrário: desenhar partes do corpo em miniaturas, em papéis bem pequeninos, para criar mini seres humanos, para serem vistos com lupas.

Se preferir, divida a classe em dois grupos, uma para desenhar os gigantes, outro, os pequenos. Explore essas diferenças na apreciação da atividade.

APRENDIZAGEM ESPERADA

- Observar um objeto e as partes que o estruturam para desenhar
- Observar e registrar objetos, considerando a relação de escala e proporção entre as partes que o compõem.
- Estabelecer relações de proporção, padrão, escala, simetria, semelhança entre partes por meio do desenho.
- Organizar e compartilhar os materiais de uso comum.
- Valorizar semelhanças e diferenças entre diversas soluções gráficas apresentadas pelos colegas.

desenho de observação do que vejo a

Apresentação

Faz parte da educação em Artes incentivar os alunos a olhar com atenção o que está a sua volta. A atividade aqui proposta lida com esse exercício, o de observação, sempre muito presente nas aulas. A proposta é de os alunos aprimorarem seu olhar. Para isso, serão solicitados a coletar, observar e identificar cores, padrões, texturas, formas e consistência nos materiais presentes numa área demarcada de um metro quadrado, dentro ou no entorno da escola.

minha volta

O que é importante saber

A proposta desta atividade é a de que os alunos realizem uma pesquisa visual. O que está em jogo, portanto, não é o desenho ou a pintura, mas a observação minuciosa. A intenção é que as crianças possam, a partir da análise de vestígios de materiais encontrados em uma determinada área, descrever as marcas que os constituem, como forma, linhas, cor e textura, e classificá-los segundo critérios que os distinguem.

Como arqueólogos, que observam e pesquisam em uma área demarcada, os alunos serão incentivados a experimentar modos de olhar e organizar os elementos coletados, classificando-os por suas qualidades físicas, materiais e plásticas.

Como se preparar

Procure uma área em que seja possível encontrar uma diversidade de materiais para serem coletados e catalogados pelas crianças. Pode ser no pátio ou no entorno da escola. Quando encontrar esse lugar, verifique a existência de grama, terra, pedras, galhos, folhas, sementes ou objetos industrializados deixados no local, entre outros. Quanto mais elementos a serem coletados e catalogados, mais rica será essa atividade.

Providencie alguns instrumentos para ajudar a ampliar essa coleta, pois com colheres, pzinhas e palitos de picolé é possível remexer o solo e encontrar coisas escondidas.

Experimente exercitar seu próprio olhar, prestando atenção e registrando coisas que possa encontrar no caminho de casa para a escola. Compartilhe essa sua observação quando for anunciar a atividade para os alunos.

Divida a turma em grupos de quatro ou cinco crianças e as acomode dentro de uma área de aproximadamente um metro quadrado. Prepare um papel grande, cerca de um metro por metro, onde serão colocados os materiais coletados.



MATERIAIS

- Corda e estacas ou algum outro material que possa ser usado para demarcar a área que cada grupo irá observar.
- Colheres, pazinhas e palitos de picolé.
- Uma folha de papel grande ou um pedaço de tecido para cada grupo.

ATIVIDADE

Encaminhe uma roda de conversa focada no tema observação. Deixe claro que observar é manter a atenção em um determinado lugar ou objeto, percebendo seus detalhes, as marcas e as características que o constituem. Leve para a roda algo coletado da natureza, ou um objeto encontrado no caminho de casa para a escola ou qualquer outra coisa com a qual possa ser observado em suas partes pelos alunos. Por exemplo: Observando a folha de uma árvore, é possível notar as linhas que a constitui, ângulos geométricos dessas linhas, os diferentes tons de suas cores, sua consistência, texturas etc.



Pesquisa e observação em um metro quadrado

Depois dessa conversa, comente que na atividade que vão desenvolver, todos deverão manter essa postura de quem presta atenção aos detalhes. Explique que irão trabalhar em grupos e cada grupo escolherá uma área de um metro quadrado no ambiente (interno ou externo) da escola para fazer sua pesquisa.

Faça um levantamento sobre o que se vê nesses espaços, pergunte o que os alunos encontram pelo chão ou nos caminhos que percorrem diariamente de casa para a escola ou mesmo dentro da escola. Procure saber se lembram das qualidades visuais das superfícies, dos elementos que se repetem, que se diferenciam. Procure encontrar nas falas dos alunos termos que indiquem qualidades gráficas e físicas.

Treinando a percepção

Ajude fazendo perguntas que esclarecem o tipo de informação que você está pedindo. Por exemplo: ao passar por um piso ou asfalto rachado, como são as linhas dessa rachadura? Retas? Curvas? Com muitas ramificações? Parece seco ou úmido. Como são suas cores? É possível ver outras cores além do cinza. Se o caminho for de terra, converse também sobre o que se encontra em cima e embaixo da terra e se é possível encontrarem elementos sob a terra, sob folhas etc.

Trabalho em equipe

Monte grupos de quatro ou cinco alunos e proponha que saiam para a coleta. Comunique que você já escolheu uma área que oferece uma diversidade de elementos para essa pesquisa e os conduza até o local. Confira que cada grupo escolha uma área de cerca de um metro quadrado e demarque-a usando barbante, galhos ou estacas. Pegue uma folha de papel ou um tecido, de aproximadamente um metro quadrado, e estenda-o ao lado da área demarcada para que os alunos possam ir depositando ali o que encontrarem. Acompanhe os grupos para ajudá-los na marcação dessa área. Se possível fotografe antes de recolher o material e depois da atividade realizada.

A classificação e qualificação dos elementos coletados devem partir de critérios, como cor, forma, opacidade, transparência, tamanho, tipo de material, consistência, textura, peso, dimensões. É importante que você lembre-os dessas qualidades enquanto circula entre os grupos.

Concluída esta etapa, peça que conversem entre eles e decidam os critérios que usarão para reorganizar o material coletado. Proponha que tentem renomear os objetos a partir de suas qualidades.

Apreciação

Quando terminarem a coleta e a classificação, solicite que circulem entre as áreas demarcadas, para que cada grupo comunique aos outros as descobertas e classificações que realizaram. Destaque as diferentes maneiras de organizar os elementos encontrados – por formas, texturas e cores – e faça um levantamento dos critérios usados em cada grupo para a classificação. Verifique a riqueza de elementos que surgem da natureza. Se for o caso, destaque elementos naturais e industriais encontrados. Incentive-os a nomear esses elementos.



Encaminhamento dos elementos coletados

Na etapa final, convide os alunos a darem a destinação mais adequada para os diferentes tipos de elemento coletados. Os elementos naturais e orgânicos podem voltar aos locais de onde foram tirados. Prepare recipientes, como caixinhas ou sacos, para selecionar os que podem ser reutilizados em outra ocasião. Separe os recicláveis para os coletores da escola ou do bairro e encaminhe para o lixo os que não poderá ser usado ou reciclados.

VARIAÇÃO DA ATIVIDADE

Processamento do material coletado

Sugira que juntem os materiais de todos os grupos e planeje uma forma de reprocessá-los para posterior devolução coletiva às áreas pesquisadas. Pode ser uma escultura montada ao ar livre ou na escola ou, ainda, um desenho de proporções enormes. Convide pessoas da escola e da comunidade para a apreciação desse trabalho coletivo.

Desenhos de observação

Outra possibilidade é realizar desenhos de observação dos objetos coletados, catalogando-os e expondo os trabalhos finais para a comunidade escolar.

APRENDIZAGEM ESPERADA

- Saber ouvir os combinados da atividade.
- Participar da coleta e classificação proposta na atividade.
- Identificar as qualidades dos elementos coletados: texturas, linhas, formas, consistência e cores.
- Incentivar a classificação dos elementos coletados.
- Comunicar os critérios de classificação adotados.
- Cooperar com a equipe de trabalho.

letra tratada como imagem

Apresentação

As letras compõem nosso universo, estão presentes todo o tempo e norteiam nosso cotidiano. Nesta atividade elas serão o pretexto para a produção dos alunos. Eles serão convidados a agregá-las e criar a partir delas, por meio de processos de recortar e colar.

O que uma letra pode virar nas mãos das crianças? Uma personagem? Um super-herói? Uma nave espacial? Neste encaminhamento da atividade será sugerido que criem animais – conhecidos ou imaginários. Todos serão bem-vindos!

O que é importante saber

Nesta atividade, o objetivo é destacar as qualidades gráficas que as letras possuem: espessura, cor, tamanho, forma, posição etc. Tratando-as como desenhos, é possível colocá-las de cabeça para baixo, de lado, agrupadas ou não, separadas, embaralhadas, sobrepostas ou justapostas. Podem virar bichos pequenos, grandes, peludos, compridos, de pernas altas, esverdeados, avermelhados etc.

A atividade será mais envolvente se as crianças puderem exercer livremente sua vontade para transformar as letras no animal que desejarem e não em animais prontos, sugeridos por você e copiados por elas. Cuide para que isso não aconteça!

A apreciação, indicada nessa proposta por mais de uma vez, permite que o aluno examine os trabalhos de toda classe, observe e aprenda procedimentos e soluções variadas, amplie suas referências e identifique particularidades em seu próprio processo.

Como se preparar

Para esta atividade, selecione revistas, livros velhos, jornais e outras publicações, rótulos de produtos, embalagens, cartazes, panfletos, sobras de textos xerocados ou datilografados, cartas impressas etc. Com esse material em mãos, recorte letras, palavras ou pedaços de textos que contenham letras de tamanhos, formatos, tipos e cores variadas. Se precisar, produza esse material com ajuda dos alunos, usando um computador para escrever em diferentes fontes, tamanhos e cores.

Prepare com antecedência o suporte em que vão trabalhar. Corte-os em tamanhos variados, desde bem pequenos, em quadrados com cinco centímetros de lado, até quadrados grandes, com 25 centímetros de lado.

Procure na internet, em enciclopédias e em livros, imagens de animais diversos para servirem de referência para as crianças criarem seu próprio animal.

À medida que praticam o recorte, as crianças vão adquirindo maior destreza para lidar com a tesoura. Se achar necessário, aproveite a atividade para ensinar a pegar na tesoura e a segurar o papel para cortar.

MATERIAIS

- Cartolina branca cortada em tamanhos variados.
- Palavras e letras impressas em páginas de revistas, embalagens, panfletos etc.
- Imagens de bichos
- Tesouras.
- Cola.
- Saquinhos de plásticos ou bandejinhas de isopor para guardar as imagens coletadas.
- Barbante e pregadores.

ATIVIDADE

Neste primeiro momento, é preciso formar a coleção de letras e de textos a serem trabalhados. Organize a turma em grupos de quatro ou cinco crianças e peça que a ajudem na distribuição e no recorte do material impresso. Estimule-as a observarem as qualidades gráficas das letras: tamanho, tipo (maiúsculas ou minúsculas), espessura, cor, formatos variados, fonte e posição. Oriente-as a recortarem letras de tamanhos e formatos diferentes, grupos de letras, pedaços de textos, letras cortadas ao meio, na diagonal, na transversal etc. Peça que recortem muitas delas, o suficiente para que todos tenham material necessário para o trabalho individual. Classifique esses recortes a partir de suas qualidades e organize-os em saquinhos ou bandejinhas. Reserve.

A proposta de trabalho

Apresente para a turma a proposta de criar animais, fazendo uso das letras e textos recortados. Eles podem encaixá-los, sobrepô-los ou justapô-los, colocar uns dentro de outros, intercalá-los, usá-los em pé ou deitados, de lado, de ponta cabeça, virados, repetindo-os ou não. As letras e os textos serão colados para formarem a imagem de um animal, real ou imaginado, como queiram.

Sugira que criem zonas escuras ou mais claras com maior ou menor acúmulo, justapondo letras e partes de texto que foram recortadas. Observe e comente que, ao se sobrepor uma variedade de letras e de textos, as imagens ganham qualidades gráficas: texturas, volume, cor etc.



Recorrendo às imagens

Antes de iniciar a colagem, para ajudar as crianças a terem ideia do que e como fazer, encaminhe uma breve apreciação das imagens de animais selecionadas: texturas da pele, linhas de contorno, as massas e os volumes de cada parte do corpo, cores, tamanho, proporção entre as partes e o todo. Estimule-as a falarem sobre as características destes bichos: o que eles têm de diferente, se moram na água ou na terra, se voam, se tem dentes, rabos ou orelhas etc.

Ao final dessa apreciação, peça a um aluno de cada grupo que distribua os materiais de trabalho. Decida se deixa ou não sobre as mesas, as imagens dos animais observados na apreciação. Se achar que as crianças ficarão muito presas às referências e inibidas de produzir, é aconselhado guardá-las.

Organize para que tenham um tempo de experimentação, deixando que montem e desmontem as letras até que decidam a melhor maneira de usá-las, dando forma ao animal que queiram fazer.

Acompanhe a produção

Passe pelos grupos, converse com as crianças, acompanhe seus procedimentos e iniciativas, compartilhe ideias surgidas individualmente e que podem ser úteis a todos. Lembre-os que podem fazer uso de letras ou textos para criar zonas mais escuras ou zonas mais claras, com maior ou menor acúmulo e justaposição de recortes, como foi observado na apreciação.

Ao final, solicite que pendurem os trabalhos em um varal, que limpem as mesas, guardem as letras restantes em caixas ou saquinhos, para serem usadas em outras atividades.

Apreciação

Ao reunir as crianças para a apreciação dos trabalhos, identifique e comente:

- Se os animais produzidos são reais ou imaginários (sugira que deem nomes a eles). No caso dos animais imaginários, estimule-os a falar sobre como os criaram, de onde vieram as ideias, que tipos de referências pesquisaram.
- Se encontraram dificuldades nesta proposta e em que momento isso ocorreu.
- Se obtiveram áreas mais escuras e mais claras, criando regiões distintas nas imagens e resultando no aparecimento de volume, dadas pelo maior ou menor acúmulo de letras.
- Se espalharam letras e textos pelo corpo do animal construído.
- Como usaram as letras na construção da figura do animal: por encaixe, por sobreposição, por justaposição, posições, espessuras e cores, tamanhos e tipos.
- Observe e comente se usaram letras e partes de textos como estampa (pela repetição de um padrão de letra ou mais de um padrão); contorno, textura, preenchimento de áreas em retículas, repetidas ou não, com um único padrão de letra ou mais de um padrão e suas diferentes posições.

VARIAÇÕES DA ATIVIDADE

Produzir imagens pela colagem de letras

Sugira que utilizem fragmentos de textos recortados de jornais, revistas ou livros velhos para representar paisagens. Oriente a turma a observar uma paisagem – pode ser um cartão postal, uma imagem de revista ou a vista do pátio da escola – e a rerepresentá-la usando recorte e colagem, como fizeram com os animais.

Produção de retratos com colagem de letras

A proposta agora é fazer retratos – somente o rosto. Sugira que inventem cabelos, olhos, boca, nariz, orelhas, barbas, óculos etc. com diferentes tamanhos, tipos e posições das letras. Proponha que encaixem, sobreponham ou justaponham letras desenhadas com canetas pretas ou letras e fragmentos de textos recortados de revistas, jornais, panfletos e outros, como foi indicado nas atividades anteriores.

Letras como interferência no desenho

As letras, uma ou mais, podem ser recortadas e coladas sobre papéis de diferentes tamanhos e apresentadas como interferências para o desenho. A ideia é que essa interferência sirva de estímulo para as crianças criem suas próprias imagens. Seria interessante ler a *Atividade Habitual Desenho com Interferência*, desta coleção, que traz orientações específicas ao encaminhamento desta proposta.

APRENDIZAGEM ESPERADA

- Deslocar a letra da função que tem na escrita para usá-la como material para o desenho.
- Compor com diferentes elementos, como letras, palavras ou partes de textos.
- Observar letras, palavras e partes de textos como portadores de diferentes propriedades gráficas.
- Utilizar os desenhos de letras como elementos gráficos, retículas ou padrões.
- Agrupar, justapor e encaixar letras e fragmentos de textos para compor imagens.

pesquisa de cores

Apresentação

Esta é uma atividade planejada para que os alunos observem, comparem, pesquisem, classifiquem e organizem uma amostra com variações de cores primárias e secundárias.

No primeiro momento, eles vão pesquisar em ilustrações de livros e revistas a variedade de cores existentes, suas tonalidades e intensidades. Em seguida, vão explorar as tintas, buscando combinações de cores primárias para criar novas cores. O objetivo é perceberem que a partir da mistura das três cores primárias têm-se como resultado as cores secundárias e um número enorme de variações de matizes.

O que é importante saber

Esta *Atividade Habitual* está focada na investigação e experimentação dos alunos sobre as cores. Portanto, a organização dos materiais e da sala é fundamental para viabilizar um ambiente que estimule a pesquisa e promova a maior autonomia possível para os alunos. A abordagem dos conteúdos e as aprendizagens esperadas estão diretamente ligadas à disposição e à organização dos materiais. Por isso, o espaço de trabalho deve garantir que as crianças consigam misturar tintas em diversos potinhos, retirar pequenas quantidades de tintas nas cores primárias sem sujá-las, lavar pincéis, experimentar resultados pincelando em pequenos papéis, compartilhar materiais com os colegas para elaborar misturas de cores e obter variações de matizes e de tons e, no processo, observarem como as cores se modificam nas combinações que forem sendo realizadas. É esperado que o grupo tenha como resultado da atividade uma amostra de cores diversificada.

Três cores cada

A tinta é um material que pode gerar euforia no grupo e quando isso acontece, a experiência pode se tornar um misturar sem cessar, acrescentando mais e mais cores e fazendo com que os resultados sejam muito parecidos. Para evitar que isso aconteça, você deve dar instruções claras e objetivas. Procure organizar os materiais de forma que os alunos percebam sua intenção e se apropriem da proposta de criar três cores diferentes cada um.

Produção de cores

Comece misturando as cores primárias – amarela, azul e vermelha – aos pares: amarela e azul; amarela e vermelha; vermelha e azul. Você obteve as cores secundárias verde, roxa e laranja. Registre os resultados com pinceladas no papel. Anote as cores primárias que geraram cada cor secundária. Em seguida, experimente variações de matiz, mudando as proporções entre os pares de cores primárias. Coloque, por exemplo, um pouco mais de amarelo do que de azul e vice-versa; e repita a operação com os outros pares de cores. Registre em pinceladas e anote os resultados novamente. Faça novas experiências com os mesmos pares de cores, acrescentando e alterando as quantidades de tinta de cada cor primária. Você perceberá na prática a mudança e a variedade das cores produzidas.

Experimente introduzir uma terceira cor primária na mistura: se havia azul e vermelho coloque amarela, e assim por diante. Continue registrando até conseguir cerca de 30 variações de cores. É sempre surpreendente esta experiência!

A mistura de cores antecipa tanto a variedade de possibilidades nos resultados quanto à necessidade de garantir que haja água limpa, paninhos ou papéis para limpar pincéis.

Variações de tonalidades

Acrescentando um pouco de tinta branca ou preta, você pode alterar a tonalidade das cores que já criou. Separe em um recipiente pequeno, como um copo descartável de café, uma pequena quantidade de algumas das misturas que você fez. Acrescente tinta branca aos poucos e siga registrando as mudanças na tonalidade das cores. Repare na quantidade de branco necessária para clarear as cores.

Em seguida, misture uma gota de tinta preta em cada cor pura e registre novamente. Você perceberá que uma quantidade de tinta preta bem pequena já escurece bastante a cor inicial.

Durante o trabalho, observe atentamente como as tintas se misturam: se prevalecem as cores claras ou as escuras e como a densidade das tintas interfere nas misturas.

Preste atenção às quantidades: quando é tinta demais, quando falta tinta da cor clara; tudo o que você perceber sobre os procedimentos de mistura de cores será importante para orientar os alunos quando eles estiverem pesquisando e observando suas descobertas.

Como se preparar

É importante que você faça as experiências com mistura de cores antes de detalhar o planejamento da aula e propor a atividade aos alunos. Assim você se familiariza com os materiais e procedimentos, antecipa questões e se prepara para fazer intervenções enquanto os alunos trabalham.

Procure livros sobre pesquisa de cores em bibliotecas e leve-os para a classe.

Faça visores de papel para que os alunos observem as cores nas imagens dos livros.

Prepare os suportes com antecedência. Recorte a cartolina em pequenos quadrados de aproximadamente dez centímetros de lado. Podem ser usados também restos de cartolina cortados de maneira uniforme. É importante que o papel seja grosso para não rasgar ou ficar mole quando pintado.

Recolha com antecedência potes com tampas para guardar as misturas realizadas na atividade, como garrafas pet pequenas ou potes de requeijão.

Recolha ou peça que os alunos tragam palitos de sorvete para misturar as tintas. Todas as mesas devem ter ao menos três palitos.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Livros e revista para pesquisa de cores.
- Visores para observação.
- Suportes de cartolina cortados em pequenos quadrados.
- Tinta guache nas cores primárias – vermelha, amarela e azul – e nas cores neutras – preta e branca.
- Pincéis.
- Recipientes para água (garrafas pet cortadas ou copos de plástico) e para as tintas (copinhos de café ou formas de gelo).
- Recipientes com tampa para armazenar as tintas.

ATIVIDADE

Escolha um dia e um horário para esta atividade em que você tenha tempo para organizar a sala e os materiais com tranquilidade, pensar na melhor maneira de dispor as mesas e separar as tintas com calma para todos os alunos. Deixe o material de pintura na mesa do professor, se possível com as tintas já nos copinhos.

É interessante organizar as carteiras em diferentes agrupamentos – reunindo duas, três ou quatro crianças. Forneça as mesas com jornal ou papel madeira para que não sujem. Distribua os livros, revistas e visores pelas mesas – pelo menos um livro por mesa. Enquanto os alunos entram na sala, peça que escolham uma carteira e se sentem. Se houver necessidade, encaminhe os que não conseguirem se encaixar em nenhum lugar.



Pesquisa de cores nos livros e revistas

Explique para os alunos que a esta atividade está centrada na pesquisa de cores e na exploração da combinação de tintas para criar cores. Para começar, eles irão usar os visores que estão sobre as mesas para procurar cores diferentes nas ilustrações dos livros. Proponha que cada um também use o visor pela sala para procurar mais cores. Ao final dessa pesquisa, faça uma lista com a classe, na lousa ou num cartaz, registrando as cores que descobriram nos livros e em outros espaços. Recolha os livros e os visores para serem usados em outros momentos de observação.

Produção de cores

Depois de realizada essa etapa, explique a próxima parte da aula. O desafio que terão que resolver será conseguir fazer três cores bem diferentes umas das outras, usando apenas as cores que receberem. Eles vão experimentar e descobrir como as cores se misturam, transformando-se em outras cores. Para isso, cada mesa vai receber tintas nas cores vermelha, azul e amarela para fazer misturas. Nesse momento você pode perguntar se algum aluno já misturou tinta antes e que resultados obteve.

É importante orientar a turma a experimentar combinações de cores aos pares. Se eles utilizarem as três cores primárias de uma vez, irão obter somente uma cor (um tom de marrom). Para entenderem isso, converse sobre as possibilidades de mistura: já que eles precisam criar muitas cores, podem experimentar juntar a azul, a amarela e a vermelha de uma vez, mas também precisam descobrir outras combinações entre as três. Explique também que mudando as quantidades das tintas misturadas eles conseguirão mais cores.

Antecipe questões como as quantidades de tinta na mistura, a organização do espaço e a utilização de materiais e instrumentos. Mostre às crianças como fazer as misturas com os copinhos e palitos. Lembre-se de que, quando você fizer uma demonstração, as crianças vão segui-la como modelo e repetir exatamente o que você fizer, portanto, faça um teste de cores com a participação da classe, enfatizando a experiência e a diversidade dos resultados.

Demonstração

Prepare em sua mesa três copos com as cores primárias, alguns copinhos vazios, palitos para misturar, papel e pincel. Convide as crianças para acompanhar um primeiro teste para ver como as tintas se misturam. Mostre que você tem as cores azul, amarela e vermelha na sua mesa e gostaria de fazer uma nova cor. Peça a elas sugestões de quais cores você pode combinar. A turma toda vai falar, levantar hipóteses e sugerir diversas combinações. Escolha uma das sugestões envolvendo duas cores, e teste em um copinho. Quando fizer isso, explique e mostre bem as quantidades que está colocando de cada tinta e como você as mistura com o palito. Isso é importante, porque se as crianças colocarem tinta demais nos copinhos não vão conseguir fazer suas misturas direito. Com o pincel, espalhe um pouco da cor resultante na folha de papel e mostre aos alunos.

Variações das quantidades na mistura

Se quiser aprofundar a experiência, pergunte se acham que seria possível conseguir uma mudança na cor resultante usando as mesmas tintas. Com esse estímulo, pode ser que levantem a hipótese de alterar as quantidades de cada tinta usada na mistura, por isso é importante chamar a atenção para as quantidades que você está usando. Se as crianças não sugerirem mudar as quantidades, faça isso você e mostre, usando as mesmas tintas da primeira mistura, como ao colocar quantidade maior de uma delas o resultado final se altera. Como no exemplo anterior, pincele o resultado numa folha de papel. Não se esqueça de lavar o pincel num pote com água antes de fazer o segundo registro e explicar às crianças como isso é importante para que as misturas e as tintas não se sujem e acabem se estragando.

Objetivos da demonstração

A intenção dessa demonstração é que os alunos se sintam estimulados e curiosos para experimentar combinações de cores. É importante que entendam que combinar cores gera novas cores e que percebam que têm de controlar a quantidade de tinta usada, pois mudanças nas quantidades alteram os resultados finais.

Essas não são aprendizagens simples. Por isso, é importante que você reforce essas questões para que a turma se aproprie desses procedimentos.

Gestão da atividade

O objetivo da atividade é que cada aluno crie três cores. Para isso, distribua o material pelas mesas de acordo com a quantidade de crianças em cada uma. Entregue as cores primárias – um ou mais copos de cada cor. Para chegar às três cores pedidas, precisarão de pelo menos mais três copinhos. Provavelmente farão diversas tentativas até ficarem satisfeitos e aprenderão sobre misturas de cores nessa experimentação. Não esqueça os palitos para misturar as tintas!

Enquanto os alunos trabalham, percorra as mesas fazendo intervenções para que consigam obter variações de cor na experimentação.

Eles devem atentar para não colocarem tinta demais nos copinhos – fica difícil acrescentar a segunda cor e conseguir bons resultados se já começa colocando muita tinta. As possibilidades de experimentar ficam limitadas.

Cuide da divisão de materiais nas mesas – as crianças estão juntas para compartilhar as tintas das cores primárias. Devem cuidar da organização dos potes, da limpeza dos pincéis e do espaço e material;

Estimule a troca. Mesmo que a confecção de tintas não seja um trabalho em grupo, os alunos podem observar as cores obtidas pelos colegas da mesma mesa e trocar experiências. Sugira que mudem as quantidades das cores primárias para conseguir tonalidades diferentes dos companheiros.

Mostra de cores

Quando terminar a etapa de fazer misturas, distribua o material para fazerem as amostras das cores: um pincel para cada aluno; os suportes de papel preparados por você; potes com água; paninhos ou papel para enxugar os pincéis.

Explique que agora é o momento de colocarem as cores no papel. Todos vão pintar as cores que criaram em um cartão especial para isso, feito de um papel mais resistente para que não fique muito mole ou se desmanche ao ser molhado pela tinta. Oriente-os a espalhar bem a tinta para não deixar excessos no papel. Reforce com a turma a importância de lavar pincéis no pote com água e enxugá-los antes de passarem para cada nova cor.

Ao terminarem de pintar, peça que lavem as mãos e os pincéis e observem a produção de toda a classe. Enquanto os alunos lavam as mãos escolha uma área para fazer uma roda com o grupo todo e para esticar uma folha de papel madeira (ou papel Kraft) no centro.

Apreciação

Peça aos alunos que escolham entre todas as folhas que pintaram seis amostras de cores bem diferentes umas das outras. Ao escolher entre todos os papéis pintados é preciso exercitar o olhar e perceber que apesar de todos terem sido pintados com as mesmas cores, as combinações e quantidades de cores misturadas resultam em grande diversidade. Além disso, a densidade da tinta acumulada no papel traz qualidades diferentes no resultado da pintura, com mais ou menos transparência, intensidade, homogeneidade ou não na forma de espalhar a tinta no papel, ficando mais ou menos visíveis os gestos que registram o movimento do pincel no papel, as marcas das pinceladas e outras características que podem ser percebidas se observadas de perto.

Peça que o grupo leve para o papel madeira essas seis amostras. Enquanto os alunos forem trazendo as amostras, vá organizando os papéis sobre esse suporte.

Assim que todos estiverem sentados na roda proponha uma conversa para observar as cores que sugeriram a partir das três cores iniciais. Relembre quais foram essas cores e que a partir delas eles fizeram todas as outras e que é por isso que são chamadas de cores primárias.

Aponte para algumas amostras e pergunte se eles conseguem identificar as cores que foram misturadas para obter aquele resultado e qual cor entrou em maior quantidade na mistura. Por exemplo: se houver um tom de laranja bem forte, sabemos que as cores misturadas são a vermelha e a amarela e percebemos a predominância da vermelha na mistura. Isso não quer dizer que há mais vermelho do que amarelo, o vermelho pode predominar porque é uma cor mais forte ou a porque a tinta é mais densa. O que é importante as crianças observarem nesse momento são as cores utilizadas nas misturas e qual delas prevalece na tonalidade resultante. É uma maneira de identificarem os diferentes matizes das cores, aproveitando o que aprenderam na experiência.

Peça que identifiquem cores claras e escuras e pergunte se sabem como as diferentes tonalidades foram obtidas, sem a utilização de tinta preta e branca.

Retome a lista das cores realizada com o grupo depois da observação no livro para ver se as mesmas cores aparecem ali também.

Pergunte se está faltando alguma cor que não estão vendo ali, possivelmente eles irão falar sobre o branco e o preto. Questione, então, o que aconteceria se introduzissem essas duas cores nas misturas. Deixe que levantem e discutam suas hipóteses, o que pode estimulá-los a experimentar novas misturas nas aulas de Arte.

Quando a conversa terminar deixe todas as amostras para secar em algum lugar, para usá-las em outra atividade da classe. Elas podem ser usadas de muitas maneiras: organizando-as em escala das cores mais claras para as mais escuras; em variações entre o amarelo e o vermelho ou entre o azul e o verde. Você também pode promover um desenho coletivo usando todas as amostras e, ainda, pedir que a turma identifique no espaço escolar as cores pintadas nos papéis.

VARIAÇÕES DA ATIVIDADE

Em vez de usar as tintas primárias faça a atividade apenas com o preto e o branco para conseguir uma grande variação de cinzas. As etapas para a atividade podem ser as mesmas, porém é preciso procurar livros cujas ilustrações tenham essas tonalidades para os alunos observarem. E o conteúdo a ser abordado será tonalidade e não cor.

Outra possibilidade é usar somente uma cor primária, mais o preto e o branco para misturar, procurando encontrar as variações de tons.

APRENDIZAGEM ESPERADA

- Identificar as cores primárias e experimentar como se transformam em secundárias.
- Trabalhar em grupo, compartilhando os materiais, as descobertas e os desafios.
- Conhecer procedimentos de uso de pincéis e tintas.

reprodução de imagens com carimbos

Apresentação

Nesta atividade, os alunos vão pesquisar e experimentar uma forma de produzir imagens diferentes do desenho, da pintura e da colagem. Eles vão trabalhar com carimbos, o que os colocará em contato com um procedimento de reprodução e multiplicação de imagens.

O que é importante saber

A característica principal do carimbo a ser explorada nesta atividade é sua reprodutibilidade. Uma pintura, assim como um desenho, é essencialmente única: não é possível produzir dois ou mais trabalhos idênticos. Já o carimbo pode ser usado para multiplicar figuras, letras, símbolos e marcas, permitindo que as imagens carimbadas circulem por muitas pessoas e em diferentes contextos. Essa característica pode ser explorada na elaboração de imagens a partir da repetição do carimbar, criando-se combinações e composições mais complexas do que a imagem original do carimbo.



Os meios de produção e multiplicação de imagens funcionam com um recurso simples: a confecção de uma matriz com a qual se pode imprimir em vários suportes, por repetidas vezes. Ao longo da história, foram criados vários processos de gravura para multiplicar imagens, como a xilogravura, a gravura em metal, a linografia e a serigrafia. Em todos eles, a imagem é gravada numa matriz – nos procedimentos mencionados, as matrizes são respectivamente de madeira, cobre, pedra e nylon, com técnicas de impressão específicas de cada procedimento.

Nesta atividade, o carimbo será a matriz. Terá como base um retalho de madeira ou de papelão bem resistente, sobre a qual as imagens serão produzidas em relevo, por meio da colagem de fios de barbante. Nas *Variações da Atividade* propostas no final do texto, são sugeridos outros materiais, como restos de EVA, tampas plásticas de embalagem e sucatas.

A impressão é feita pelo contato da superfície do carimbo com a tinta e, depois, pressionando-se essa superfície contra a do papel. Como o carimbo permite repetidas impressões da mesma imagem, possibilita a criação de sobreposições visualmente interessantes: zonas carimbadas com tonalidades diferentes, às vezes mais escuras, outras vezes mais claras e com maior transparência; às vezes cobrindo completamente a superfície do papel, outras vezes criando tramas suaves com as linhas sobrepostas. Desta maneira, criam-se diferentes visualidades a partir da mesma imagem, ampliando a possibilidade do uso de um carimbo na construção de texturas e estampas.

Como se preparar



Pesquise exemplos de trabalhos de artistas feitos com o recurso do carimbo e explore suas potencialidades com a turma, experimentando usar diferentes tipos e formatos de suporte, várias combinações da imagem do carimbo matriz, observando os resultados da impressão de acordo com a força no gesto e a maneira de colocar tinta na matriz.

A produção da matriz

Para confeccionar os carimbos, use pedaços de madeira como base, sobre os quais serão colados os fios de barbante para formar a imagem. Os carimbos podem variar de tamanho e formato (o ideal seria trabalhar com tamanho mínimo de 15 cm X 15 cm), mas não devem ser muito grandes, para não se tornarem pesados e difíceis de manusear.

Procure retalhos de madeira em marcenarias, que normalmente descartam essas sobras. Outra possibilidade é recortar pedaços de caixas de papelão grosso e resistente em vários tamanhos e diferentes formatos. A madeira e o papelão são ideais para essa atividade porque absorvem bem a cola branca, evitando que os fios se descolem com a umidade da tinta, no momento de impressão.

Almofadas

Para a entintagem dos carimbos, você vai precisar de almofadas de carimbar, para colocar a tinta. Essas almofadas deve ser maiores do que os carimbos produzidos pelos alunos. Se os retalhos de madeira para as bases dos carimbos forem pequenos, você pode utilizar almofadas padrão para carimbo, encontradas em papelarias e lojas de material para escritório. Para peças maiores, utilize um pedaço de espuma cortados em retângulos de aproximadamente 25 cm X 15 cm e 1,5 cm de altura. Coloque o retângulo de espuma sobre uma bandeja de isopor e molhe-o com tinta para carimbo ou anilina, deixando-o bem saturado.

Experimentação

Experimente os procedimentos desta atividade antes de realizá-la com os alunos, para antecipar questões, decidir detalhes da gestão da sala de aula e poder fazer intervenções nas produções da turma. A entintagem e a impressão do carimbo são simples, mas é importante observar algumas particularidades, como a consistência e a quantidade de tinta a ser colocada nas almofadas e a pressão exercida sobre o carimbo ou o tipo de papel ou tecido que vai receber a imagem. Excesso ou falta de tinta, muita ou pouca pressão – são variações que podem interferir na impressão, produzindo manchas, borrões, texturas e outros resultados interessantes.

Pós-produção

Prepare para depois da atividade, uma caixa para recolher e mostrar as impressões de carimbos de todos os alunos. Eles poderão escolher entre as diferentes imagens geradas para fazer colagens e novos desenhos em momentos de espera ou finalização de trabalhos de Arte ou de outras áreas. Planeje também uma caixa para guardar os carimbos confeccionados na atividade. Assim, as peças podem ser incorporadas ao acervo de materiais da classe para trabalhos de escolha individual.

MATERIAIS

- Pedacos de madeira e de papelão grosso.
- Restos de fios de algodão, de lã, de barbante.
- Cola branca, fita crepe.
- Papel madeira, papel 40 gramas branco, papel sulfite branco cortado em vários tamanhos, papel colorido cortado em várias formas e tamanhos. Bandejas descartáveis de isopor, espuma, pincel, almofadas de carimbo (azul, preta, vermelha ou verde).
- Lupas.

ATIVIDADE

Carimbar a impressão digital e confeccionar um carimbo com barbante

Numa roda de conversa inicial, organize os alunos sentados no chão sobre uma lona plástica ou nas cadeiras e comece conversando sobre os tipos de marca que eles conhecem. Introduza o assunto questionando as crianças sobre pegadas de animais e, então, passe a comentar outros de tipos de marcas e identificações.

Introduza questões que levem os alunos a pensar sobre o tema: Quando os bichos andam na floresta e deixam suas pegadas calcadas ou riscadas na terra, na areia ou nas árvores – isso pode ser considerado uma espécie de marca? As pegadas dos bichos são iguais? Conseguimos identificar os bichos por suas pegadas? Que diferenças existem entre as pegadas dos bichos?

Dos bichos, passe para as identificações humanas: Alguém já viu uma carteira de identidade? Para que elas servem? Existe alguma marca na carteira de identidade? Existe alguma imagem na carteira que identifica a pessoa? Um número? Uma letra? Mostre algumas carteiras de identidade de pessoas, destacando as impressões digitais, os carimbos dos polegares.

Peça que os alunos observem essas impressões e, em seguida, suas próprias digitais. Verifique com eles o que caracteriza essas marcas, chame a atenção para as linhas que constroem a digital. Nesse momento, ofereça uma lupa para que possam observar, com detalhes ampliados, as linhas dos polegares e comparar semelhanças e diferenças entre os dedos. Pergunta para a classe: “As marcas são iguais?”



As marcas

Como as imagens nesta atividade serão criadas a partir de uma marca – a impressão digital – é importante introduzir este assunto com os alunos: O que são marcas e registros? Como é possível saber quem as fez ou como foram feitas. As pegadas, por exemplo, são marcas que identificam os animais, que pode ser reconhecido por produzirem marcas com formas e tamanhos característicos.

Das digitais aos carimbos

Apresente a proposta. Explique que irão experimentar alguns tipos de carimbo e pergunte o que eles conhecem ou já viram sobre o assunto. Com os alunos ainda sentados em roda, convide-os a realizar uma experiência: registrar as marcas de seus polegares. Organize a turma em pequenos grupos, de três a cinco alunos. Distribua folhas brancas tamanho A4 e uma almofada de tinta para carimbo para cada grupo. Peça então que carimbem suas digitais em uma mesma folha, para que possam observar as diferenças ao comparar as imagens.

Em seguida, organize a classe para fazer um grande registro coletivo. Corte ao meio várias folhas de papel sulfite tamanho A4, no sentido longitudinal, produzindo tiras. Com fita crepe, emende as tiras pelo lado menor, formando uma grande tira, para que as digitais de todos os alunos da classe sejam carimbadas e possam ser observadas e comparadas durante o momento da apreciação.

Quando terminarem de carimbar suas digitais, peça aos alunos que as observem com atenção. Estimule-os nessa observação, fazendo perguntas. Como elas são? Apresentam tamanho, comprimento e largura diferentes? As linhas são contínuas ou entrecortadas? Onde começam? Conseguimos vê-las sem o auxílio da lupa? Qual a direção das linhas? Que desenhos elas formam?

Na sequência, proponha à turma a ampliação de suas impressões digitais individuais, confeccionando carimbos de fios de barbante colados sobre as diferentes bases, de madeira ou papelão. Desta maneira, eles terão a oportunidade de verificar como sua digital se transforma numa imagem em outra escala, enfatizando as características de suas linhas.

Confecção de carimbos reproduzindo as digitais

Para criar um carimbo, cada aluno deve cortar pedaços de barbante e colar ou prender com a fita crepe os fios na base de madeira ou papelão. Oriente-os para que observem cuidadosamente seus dedos e as impressões digitais para reproduzirem as linhas nas bases. Se for difícil desenhar diretamente, colando os fios de barbante, podem primeiro fazer a lápis um desenho de observação de suas digitais sobre as bases de madeira ou papelão e usar o desenho como guia para colar os barbantes.

Nesse procedimento poderão usar cola branca ou fita crepe. Para utilizar o carimbo no mesmo dia, o ideal é que o barbante seja fixado com a fita crepe, cortando pequenos pedaços e prendendo os fios de barbante sobre a base do carimbo. Se preferir usar a cola branca, deixe secar até o dia seguinte para que os fios não se descolem na hora de carimbar.

Carimbando

Para entintar os carimbos, use as almofadas prontas ou feitas com espuma e bandejas de isopor. Se houver tempo, prepare as almofadas com a turma.

Organize a classe em grupos de quatro alunos e coloque uma almofada para cada grupo. Oriente os alunos a pressionarem seus carimbos sobre as almofadas, para que os fios de barbante absorvam tinta. Depois é só pressionar o carimbo entintado sobre as folhas de papel. Os alunos devem testar o procedimento várias vezes, observando a quantidade de tinta que fica nos carimbos, para controlar excessos e também a pressão a ser exercida sobre o papel.

Apreciação

A apreciação pode ser feita inicialmente em duplas de alunos, comparando as impressões das digitais e depois a impressão feita com os carimbos de barbante. A lupa é um ótimo recurso para observar as linhas das digitais impressas.

Peça que os alunos observem nas produções:

- Se realmente cada impressão digital é diferente de todas as outras.
- Se percebem linhas de tipos variados na mesma impressão, mais grossas e mais finas, mais escuras e mais claras, mais tremidas e mais firmes, mais lisas e mais rugosas.
- Se existem diferenças nos tamanhos e nas formas dos polegares, tonalidades da impressão, impressões mais fortes e mais fracas de acordo com a pressão da mão de quem carimbou.
- A impressão da digital isolada e as digitais aglomeradas, criando outra imagem.
- As diferenças de tipos de linhas, tramas e texturas entre a primeira impressão, menor, feita com o dedo entintado na almofada de carimbo e a segunda impressão, com o carimbo de barbante.
- As especificidades das linhas obtidas na impressão da digital e das linhas obtidas na impressão do barbante. Como estes dois tipos de imagem se diferenciam?
- A relação ou correspondência entre as cópias ou imagens e as matrizes ou carimbos.
- Tentem combinar cópia (imagem) com matriz geradora (carimbo) nas matrizes de barbante.

Desenvolver a percepção

A apreciação é um exercício fundamental para o desenvolvimento da percepção dos alunos e para a construção de um pensamento visual, por imagens. Nessa faixa etária, os alunos podem ter mais recursos de linguagem oral e mais repertório visual para ampliar as possibilidades de argumentação e análise. As questões aqui levantadas são importantes para que reflitam sobre suas produções e seus processos de trabalho individual ao mesmo tempo em que podem aprender com os comentários de outros

VARIAÇÕES DA ATIVIDADE

Experimentações de processos

O carimbo pode ser combinado com outros materiais e procedimentos, ampliando as experimentações de processos. Você pode sugerir, por exemplo, que os alunos carimbem várias cópias da mesma imagem e depois trabalhem sobre elas com diferentes materiais de desenho, colagem e pintura. Isso pode ficar a seu critério ou do próprio aluno, por escolhas individuais.

Painel coletivo

Pode ser criado um painel coletivo dos carimbos de barbante, explorando outras estratégias de composição a partir das possibilidades de reprodução de imagens. Nesse painel, os alunos podem criar sobreposições de imagens, conseguindo efeitos de áreas escuras e áreas mais claras mediante a maior concentração de carimbos sobrepostos ou justapostos. Cada vez que uma imagem é carimbada e sobreposta à outra, criam-se texturas e tramas visuais pelo cruzamento das linhas. Essas texturas podem caracterizar a superfície do papel de maneiras distintas graficamente, mediante maior ou menor aglomeração das linhas. Essa ação permite efeitos de luz e sombras, transparência e opacidade, distintos do carimbo feito uma só vez.

Materiais variados

Carimbos podem ser feitos com outros tipos de materiais, como restos de EVA, caixinhas de fósforo, tampas de embalagens e até mesmo com argila. Os materiais alternativos devem ser colados com cola branca e usados apenas depois de secos, no dia seguinte. Os pedaços de EVA podem ser cortados em formas ou figuras, dependendo do que a classe esteja trabalhando no momento. Os alunos têm a opção de recortar pedaços de EVA para criar formas mais abstratas, que sugiram desenhos menos estereotipados. As tampas e as sucatas plásticas também funcionam como carimbos se entintados com almofadas ou guache e rolinho de espuma. Suas formas geométricas, na maioria das vezes, podem ser combinadas entre si na construção de desenhos carimbados e depois completados com canetas hidrográficas.

Carteira de identidade

Os alunos podem criar carteiras de identidade, trabalhando com o desenho do rosto da pessoa (no lugar da fotografia) e a escrita dos nomes e números de identificação. Essa proposta de variação da atividade pode desenvolver mais aprendizagens por se tratar de recursos que envolvem o desenho de observação da pessoa ou até mesmo do lugar da foto, como simulação de um documento.

Carimbos a partir de desenhos de observação

Carimbos de barbante podem ser feitos a partir de desenhos de observação de árvores, de objetos e de pessoas. Oriente os alunos a para que façam um desenho de observação e passem a imagem para uma base de madeira ou papelão. Depois, use o barbante para construir a imagem sobre o desenho. Podem ser feitas várias cópias da mesma imagem de árvore, objeto ou pessoa, mudando-se a cor da impressão do carimbo.

APRENDIZAGEM ESPERADA

- Compreender o carimbo como um meio e procedimento de reprodução e multiplicação da imagem.
- Perceber que o procedimento do carimbo registra o contato entre dois corpos, as superfícies do carimbo e do papel.
- Entender que a repetição da imagem criada pelas formas e pelas linhas, pelas marcas, pelo padrão pode originar uma textura visual, uma estampa.
- Na apreciação, olhar e falar sobre suas produções e as dos colegas, identificando as particularidades expressivas de cada um.



leitura | professor



ver em *Orientações Gerais* **Ciclo 1** |
página xx



leitura | aluno



ver no DVD



leitura | aluno e professor



escrita | professor

Sequência de
Atividades em
Língua Portuguesa

ver em *Sequências de Atividades em
Língua Portuguesa* | página xx



escrita | aluno

Sequência de
Atividades
em Artes

ver em *Sequências de Atividades em
Artes* | página xx



comunicação oral | aluno

Atividades
Habituais em
Língua Portuguesa

ver em *Atividades Habituais em
Língua Portuguesa* | página xx



revisão | aluno



revisão | aluno e professor

Atividades
Habituais
em Artes

ver em *Atividades Habituais em
Artes* | página xx



desenho | aluno



pintura | aluno



modelagem | aluno



construção | aluno

Formação na escola | ciclo 2

Comunidade Educativa Cedac

DIRETORIA
Tereza Perez

COORDENADORIA EXECUTIVA
Patrícia Diaz
Roberta Leite Panico

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA ARTES
André Vilela

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA LÍNGUA PORTUGUESA
Paula Stella
Sandra Mayumi Murakami Medrano

LEITURAS CRÍTICAS
CIÊNCIAS NATURAIS Edward Zvingila
CIÊNCIAS SOCIAIS Rogê Carnaval

ELABORAÇÃO
Cristiane Tavares
Gisele Goller
Milou Sequerra
Patrícia Diaz
Paula Stella
Sandra Mayumi Murakami Medrano

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Luana Haddad

EDIÇÃO DE TEXTO
Luci Ayala

DIREÇÃO DE ARTE E PROJETO GRÁFICO
Renata Alves de Souza | TIPOGRÁFICO COMUNICAÇÃO

REVISÃO DE TEXTO
Jô Santucci

DIAGRAMAÇÃO E PRODUÇÃO GRÁFICA
Luísa Nasraui | TIPOGRÁFICO COMUNICAÇÃO

Fundação Vale

CONSELHO CURADOR
PRESIDENTE Vania Somavilla

CONSELHEIROS
Luiz Eduardo Lopes
Marconi Vianna
Zenaldo Oliveira
Antonio Padovezi
Alberto Ninio
Ricardo Mendes
Luiz Fernando Landeiro
Luiz Mello

CONSELHO FISCAL
PRESIDENTE Murilo Muller

CONSELHEIROS
Cleber Santiago
Benjamin Moro
Felipe Peres
Lino Barbosa
Vera Schneider

CONSELHO CONSULTIVO
PRESIDENTE Murilo Ferreira (CEO VALE)

CONSELHEIROS
Danilo Santos da Miranda (DIRETOR DO SESC SP)
Dom Flávio Giovenale (BISPO DE ABAETETUBA)
Luis Phelipe Andrés (CONSELHEIRO DO IPHAN)
Paula Porta Santos (HISTORIADORA E DOUTORA PELA USP)
Paulo Niemeyer Filho (CHEFE DO CENTRO DE NEUROLOGIA PAULO NIEMEYER)
Sílvio Meira (PRESIDENTE DO CONSELHO ADMINISTRATIVO DO PORTO DIGITAL)

DIRETORA-PRESIDENTE FUNDAÇÃO VALE
Isis Pagy

DIRETOR EXECUTIVO
Luiz Gustavo Gouvea

GERÊNCIA GERAL DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS
Andreia Rabetim

GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO
Maria Alice Santos
Andreia Prestes
Anna Cláudia d'Andrea
Carla Vimercate
Mariana Pedroza

